

ATA DA 210ª REUNIÃO PLENÁRIA ORDINÁRIA

Aos 18/04/2019, sob a Presidência do Senhor Luiz Ricardo Viegas, Secretário Adjunto, realizou-se a 210ª reunião Plenária Ordinária do Conselho Municipal do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável - CADES, convocada com a seguinte pauta:

PAUTA

Expediente:

1. Discussão e votação da Ata da 209ª Reunião Plenária Ordinária do CADES;
2. Informes;
3. Sugestões para inclusão na pauta desta reunião.

Ordem do dia:

1. Apresentação das **Compensações Ambientais dos Corredores de Ônibus da Zona Leste de São Paulo**, pela Conselheira Andrea Franklin Silva Vieira.
2. Apresentação do **Programa Águas de São Paulo: Bacias da Leste**, por Cintia Okamura do Fórum Agenda 21 Macro Leste e Felipe Henrique Martins Moutinho do CADES Regional Aricanduva.
3. Sugestões para Pauta da próxima reunião e Assuntos Gerais.

Anexos:

- Transcrição da 209ª Reunião Plenária Ordinária do CADES.

TRANSCRIÇÃO DA 210ª REUNIÃO PLENÁRIA ORDINÁRIA DO CADES REALIZADA EM 18 DE ABRIL DE 2019

Luiz Ricardo Viegas (Secretário Adjunto) - Gostaria de primeiro agradecer a presença de todos e declaro aberta a 209ª reunião do CADES. Sejam bem-vindas, bem-vindos. Vamos discorrer a nossa pauta.

Devair Paulo de Andrade (Coordenador Geral) - Bom dia a todos e a todas. Nós vamos fazer uma inversão de pauta, porque no momento nós não temos ainda o quórum suficiente. Passamos para o segundo ponto do expediente: os informes. Eleições dos Conselhos Gestores de parques municipais: Parque Chácara do Jockey. As inscrições já foram encerradas e a eleição será realizada no dia 28 deste mês. No Parque Ibirapuera, as inscrições até o dia 25 de abril e a eleição será realizada no dia 5 do mês 5. Parques Anhanguera, Pinheirinho D'Água, Rodrigo de Gásperi, São Domingos, Cene e Vila Guilherme-Trote, inscrições até o dia

24 de abril e as eleições serão realizadas no próximo mês. Se alguém aqui tiver conhecidos, amigos nesses respectivos parques, por gentileza informar para fazer a participação nessas eleições. Eleições dos Conselhos Regionais do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável de Cultura e Paz. O CADES Itaim Paulista, as inscrições elas vão do dia 8 ao 23 de abril e a eleição será realizada no dia 25 do próximo mês, das 10 horas às 16 horas. O CADES da Vila Prudente, as inscrições serão do dia 10 ao 29 de abril e eleição será realizada no dia 2 de junho, das 10 horas às 16 horas. Passamos agora para o terceiro ponto do expediente, que são sugestões para inclusão na pauta desta reunião. Alguma inclusão, Senhor Ângelo, por gentileza.

Cons. Ângelo Iervolino - Bom dia a todos. Ângelo Iervolino.

Luiz Ricardo Viegas (Secretário Adjunto) - Dá licença só um minutinho, por favor? Eu ia pedir uma inclusão, não uma inclusão, um comentário sobre o CADES. Antes do Senhor, porque eu sei que o Senhor vai falar um outro assunto. Eu queria reiterar ou registrar a importância dos CADES e eu sei que nós estamos aqui numa mesa em que todo mundo batizou de CADÃO. O CADÃO, O CADÃO. O CADÃO, com vários CADES nas Subprefeituras e os Conselhos nos parques. Eu queria pedir aos Senhores, que como representantes do Conselho, do CADÃO, nos ajudasse, e ajudasse principalmente a Coordenadoria que coordena as ações, para que a gente tenha uma dinâmica nas regionais, principalmente nas regionais que apoiam as Subprefeituras, e dos parques. Por que que eu estou dizendo isso? Por conta dos desafios em que a Prefeitura de São Paulo tem dado ou vem dar, tem direcionado essa agenda do próximo biênio 19/20 especificamente com algumas políticas que a Prefeitura entendeu como meta e que precisam ser cumpridas e a Prefeitura - e aí com todos os seus agentes, a AMLURB, com a equipe da Subprefeituras, a equipe da Secretaria do Verde, equipes da Segurança Urbana, a turma do Executivo - em alguns momentos ela precisa do apoio desses, eu diria, voluntários a favor da causa ambiental e o que a gente percebe que alguns CADES não se têm, principalmente nos regionais, não se tem uma.... A gente percebe que a resposta de trabalho deles tem sido, quando dá certo, é muito positivo. É importante, e a gente tem conversado muito isso internamente, que os CADES regionais, os Conselhos de parques precisam estar estruturados e nos ajudando nessa agenda. Nós temos uma agenda muito intensa. Eu vou dizer mais especificamente sobre a questão de resíduos sólidos. Nós temos projetos com relação aos pontos viciados, ao polo de educação ambiental que estão nas regionais e o CADES é um agente extremamente importante para, junto com a Prefeitura, transformar, ou seja, multiplicar os efeitos. Eu estou reforçando a importância - o Devair sabe muito bem qual é a orientação que a gente tem dado -, mas eu queria reforçar com vocês como Conselheiros para nos ajudar nesse sentido aonde vocês perceberem que tem essa

disponibilidade. Recentemente eu fui numa reunião em Pinheiros em que a gente percebe que o CADES de lá tem uma dinâmica tão interessante de multiplicação de políticas de resíduos e tal que a gente observa, quer dizer, se você der uma linha e falar é por aqui e dar recursos e dar diretrizes, o CADES é uma peça importante na execução dessa nossa política pública. Eu queria aqui fazer um reforço. Não é apenas um comunicado das eleições, que eu acho que tem algumas eleições... Para vocês terem uma ideia, a Sé, o CADES da Sé não funciona ainda. O Subprefeito quer colocar o CADES, a gente às vezes não acha representante. É fundamental que os Conselhos estejam pelo menos organizados e atuando junto aos Subprefeitos, que de uma forma ou de outra eles são colaboradores e agentes em algum momento dessa nossa política pública e principalmente nesses desafios voltados à questão, por exemplo, do desafio de resíduos sólidos, que é um desafio muito grande. Acho que é um gargalo que a gente tem na cidade hoje, com várias frentes de trabalho, mas a importância do CADES nessa ação para nós nos fortalece muito. Eu queria, então, reiterar aqui, reforçar essa lembrança e para os Senhores que têm uma ação junto dos CADES regionais nos ajudassem a disseminar isso ou fortalecer isso.

Devair Paulo de Andrade (Coordenador Geral) - Nós vamos passar para o Senhor Ângelo, Ivo, a inclusão da pauta dele, se todos concordam ou não, e depois a gente passa para as demais apresentações e depois a gente abre para os Conselheiros. Se quiser uma fala em cima da fala do Secretário...

Cons. Ivo - Ivo, Savoy City. Dentro da fala do Secretário, me chama a atenção que nós fizemos uma experiência uns oito anos atrás de levar a eleição do CADES também para uma Unidade de Saúde. A Rute acompanhou e, por incrível que pareça, qual era a observação, o sentido disso? Exatamente publicizar o CADES Regional, porque Itaquera nós temos quatro distritos. Nós pegamos uma Unidade de Saúde com uma centralidade de pessoas, muita gente, e nós conseguimos mais voto na Unidade de Saúde que na Prefeitura local de Itaquera, na época. Foi uma experiência que pena que a gente... porque quando se fala em resíduo, quando se fala naquela Conferência que nós ajudamos a tocar, a última Conferência do Meio Ambiente, que tratava da questão dos resíduos, a gente percebeu que as informações não se cruzam, não chegam. Essa falta de informação que acaba criando essa distância do público-alvo, que são os ambientalistas, para entrarem no Conselho, no CADES Regional e é um trabalho insano, mas se a gente pudesse divulgar um pouco mais e também trabalhar junto à Saúde, porque meio ambiente e saúde anda junto - e eu faço parte da Supervisão de Saúde de Itaquera, do Conselho, alguns Conselhos de Saúde - é um parecer que o Secretário vê se consegue alinhar essa ideia, porque vai contribuir muito. Obrigado.

Devair Paulo de Andrade (Coordenador Geral) - Seu Ângelo com a palavra, por gentileza.

Cons. Ângelo Iervolino - Ângelo Iervolino, Fórum para o Desenvolvimento da Zona Leste. Eu há meses atrás, assim que começou a surgir a notícia da mudança da política na Secretaria do Verde, eu explanei na plenária e aí pediram "vamos aguardar sair a lei para a gente ver como vai ficar". E, mediante da lei, nós, do Fórum, da SAL, que é parceiro da gente, mais o pessoal do Conselho da APA do Carmo, fizemos diversas reuniões, acabamos redigindo um documento que eu iria entregar no mês passado, mas, infelizmente, não pude comparecer por motivo de doença. A minha parceira Cecília também não veio e assim vou fazer hoje. É uma carta curta, que se permitirem eu vou ler rápido. *"São Paulo, 20 de março de 2019, Ofício 5/19, Vice-Presidente. Prezado Secretário, a Sociedade Ambientalista Leste - SAL - e o Fórum para o Desenvolvimento da Zona Leste, entidades ambientalistas representando a Região Leste neste Conselho vem muito respeitosamente solicitar algumas informações e fazer algumas considerações a saber. Respeitando a autonomia da Secretaria do Verde e Meio Ambiente e sem desejar interferir em sua gestão, o Decreto nº 58.625, de 8/2/19, que dispõe da regularização da Secretaria do Verde e Meio Ambiente, que fica supridos o Departamento de Gestão Descentralizada - DGD. A criação dos DGDs e seus respectivos núcleos descentralizados foi um grande avanço na política ambiental da cidade, trazendo a estrutura da Secretaria do Verde para perto das comunidades, sendo que os técnicos da Secretaria também estavam próximos das áreas de risco, evitando, assim, que os munícipes precisassem se deslocar até a rua Paraíso para registrar e solicitar demandas. Também com a criação dos DGDs, o coletivo representando a sociedade civil passou de três para dez representantes no CADES Municipal, trazendo a real necessidade da cidade para o Conselho. (Não sei como vai ficar. Isso é entre aspas agora que nós não temos mais as micro-áreas a formação do CADES, porque, pela lei, dez vagas eram dos dez DGDs). Com a reorganização, não temos os ATAS na região, o que dificultará a comunicação, solicitação, solução e fiscalização das demandas, sendo só para o momento. Atenciosamente, Ângelo Iervolino, Vice-Presidente da SAL e Delaine Romano, Presidente do Fórum para o Desenvolvimento da Zona Leste".* Isso está sendo encaminhado para o Secretário, Doutor Eduardo de Castro. Eu tenho mais alguns segundos, rapidinho. Aproveitando que a nossa amiga e parceira Cíntia Okamura está aqui presente, e em vista desse aviso que foi dado agora, nós, dos Conselhos das Subprefeituras e Agenda 21 e o Fórum para o Desenvolvimento da Zona Leste, sempre trabalhamos para melhorar a questão da coleta, tanto do sólido como da construção civil. A Cíntia deve estar lembrada, ainda Secretário do Verde, Doutor Eduardo Jorge, nós estávamos em uma reunião lá na Câmara Municipal, que ele nos trouxe uma notícia animadora no momento em que todas as Subprefeituras seriam

obrigadas a usar 30% do entulho em todos os materiais que eles fossem fazer. Nós trabalhamos - só estou terminando, depois a Cíntia quiser falar - nós trabalhamos muito a respeito disso, procuramos locais até em uma pedreira que já trabalha com isso. Nós tentamos... está levando um trabalho de fazer esse serviço, porque a Prefeitura tem de comprar insumo de alguém - ela não vai triturar - e não conseguimos. Até a máquina que a gente tinha lá em Itaquera não sei que fim deu, que era uma máquina super boa que precisava de reforma. Se a Cíntia depois quiser falar alguma coisa a respeito, se vocês permitirem... Obrigado.

Devair Paulo de Andrade (Coordenador Geral) - Nós vamos seguir, então... Seu Ângelo, só para a gente registrar. Essa questão da reestruturação ela está dentro da nossa Câmara de Pauta e ela vai ser tema das próximas reuniões, junto com nossa Presidente Renate. Inclusive na última reunião ela tinha colocado essa questão. Então, vai estar fazendo apresentações nas próximas reuniões, junto com a Câmara de Pauta. A gente pede até para o Senhor encaminhar depois essa carta também para a Mesa para a gente encaminhar para a Câmara de Pauta. Nós vamos seguir, então, nosso primeiro ponto da ordem do dia: apresentação das compensações ambientais dos corredores de ônibus da Zona Leste de São Paulo pela Conselheira Andréa Franklin da Silva Vieira. Por gentileza, Andréa.

Cons. Andréa Franklin - Bom dia a todos. Eu represento a SIURB aqui no CADES e vou fazer uma apresentação hoje por conta de uma demanda de um colega do CADES no final do ano passado, que queria mais informações sobre as compensações ambientais dos empreendimentos que a SP Obras está implantando. Só para contextualizar - eu acho que a maioria já sabe -, mas para quem não tem essa informação, a São Paulo Obras é uma empresa que nasceu quando encerrou-se as atividades de EMURB, na divisão de EMURB. Foi 2009. A SP Obras ficou responsável por implantar, prestar serviços para a Administração Pública Direta, implantando as obras da cidade - uma das competências - e é nesse contexto que a gente trabalha com SIURB e hoje executa essas obras na Zona Leste. Eu trabalho no Núcleo de Meio Ambiente da SP Obras e sou responsável pela coordenação e gestão dos licenciamentos ambientais junto aos órgãos. Falando de compensações: dentro do processo de licenciamento dos estudos ambientais, eu puxei aqui os dois principais pontos que nos obriga a compensar os impactos que a gente não consegue evitar. Em termos de vegetação, todas as vezes que a gente tem intervenção com a vegetação por conta da implantação de uma obra de infraestrutura, a gente tem que compensar esses espécimes que são cortados ou manejados. Tem sempre um esforço da equipe de gestão ambiental junto à equipe de projetos para que a gente consiga ter o menor impacto na vegetação existente, mas é evidente que os empreendimentos de mobilidade, que trabalham nos eixos

muitas vezes apertados, que têm canteiros centrais arborizados e calçadas arborizadas, acaba sofrendo com a implantação da nossa obra. O outro ponto importante no licenciamento é uma lei federal do SNUC da Unidade de Conservação, que destina, que exige que se destine até 0,5% do valor total da obra para aplicação em Unidades de Conservação. Em São Paulo, nós temos duas áreas: na Zona Leste tem a APA do Carmo, na Zona Sul, a APA do Bororé, e no contexto aqui dos empreendimentos na Zona Leste, esses recursos todos vão para a APA do Carmo. Esse mapa é um mapa que mostra os empreendimentos de uma maneira geral, é um mapa esquemático dos empreendimentos da Zona Leste que todos foram licenciados numa única licença prévia. O Itaquera está nesse contexto, mas ele vem de um conjunto muito maior de intervenções. A gente tem aqui desde o Parque Dom Pedro, começando a Radial Leste, chegando até Itaquera, corredor aqui na Aricanduva. O corredor Itaquera trecho 1 e trecho 2, que pega a Avenida Itaquera, Avenida Líder e chega até a Itaquera próximo ao terminal e aqui o terminal de ônibus. Esse conjunto de intervenções eles foram todos os licenciados numa licença prévia de 2013. Com essas obras todas implantadas, à época estimava-se atender quase um quarto da população do Município de São Paulo, em torno de três milhões e quinhentas mil pessoas. Dentro dessa licença prévia, quais são as exigências que estabelece a questão da compensação? A gente tem a exigência 37, que fala sobre a necessidade de firmar esse TCA, o Termo de Compromisso Ambiental, por conta das remoções dos espécimes arbóreos. A gente tem uma exigência que obriga que quando está elaborando o projeto, leve em consideração outros outros TCAs ou TACs de outros empreendedores para compatibilizar com os nossos projetos e para que isso aconteça tem que ter uma anuência do antigo DEPAVE. Na exigência 40, ela estabelece a questão da destinação de recursos para uma Unidade de Conservação e na exigência 41, que a gente tenha um balanço equilibrado em relação a áreas permeáveis. É evidente que todas as vezes que tem uma intervenção de mobilidade de grande porte, a gente interfere nas poucas áreas permeáveis que cidade tem. É um compromisso buscar compensar essas áreas permeáveis dentro do projeto, no entorno imediato ou em vias próximas. Falando agora, especificamente, do que está em obra, do que a gente conseguiu daquele conjunto começar a executar obras. Nós estamos falando de Itaquera, que está dividido em dois trechos: o trecho 1 tem oito quilômetros e meio e o trecho 2, 3,1 quilômetros, que é a parte da Líder, e inclui nesse pacote de contratação também o novo terminal Itaquera. Aqui eu dei um zoom para a gente tentar enxergar melhor como é que está esse universo de licenças aqui dentro do Verde. Esse Itaquera, o trecho inteiro ele vai desde o terminal Carrão, atravessa Aricanduva, passa pela Praça Francisco Daniel Lopes e termina um pouquinho após a Praça Francisco Daniel Lopes. Aqui se encerra o trecho 1. Isso por conta de pacotes de contratação separadas, a gente dividiu em dois trechos. O trecho 2 ele

inicia no final da Praça Francisco Lopes Daniel, vai até a Itaquera. Tem todo um conjunto de obras aqui na Avenida Itaquera e também inclui o terminal de ônibus. Como é que foi feita a questão da licença de instalação? A gente começou esse empreendimento na Avenida Itaquera, aqui da Aricanduva até o início da praça. Foi a primeira licença de instalação que a gente obteve nesse trecho 2. Quando eu assumi, em 2017, a gente estava fazendo essa obra já, ela continua até hoje, mas a gente ainda não tinha licença de instalação nem da praça e nem desse trecho pequeno que sai do terminal até Aricanduva. Isso foi uma questão estratégica da época. Eu acho que por conta de soltarem frentes de obras do que era possível executar, optou-se em fazer o licenciamento dessa forma. Esse foi um desafio. A gente teve que correr atrás para trabalhar a obtenção da licença de instalação da praça, que é um gargalo, para que uma um corredor ao outro, e ainda tem toda uma questão aqui nesse trequinho que é pequeno, que é em relação à desapropriação. Para que a gente implante esse trequinho chegando da Aricanduva até o terminal Carrão, carece de desapropriação e esses processos ainda estão sendo elaborados, os processos de desapropriação, e necessita uma parte de recursos maior, por isso ele ficou para uma fase posterior. A gente está agora trabalhando a obtenção desse relatório de LAI. Eu estou contratando o relatório e espera-se ter o conjunto inteiro do trecho 1 funcionando, unindo ao trecho 2 para garantir que o corredor comece a funcionar à esquerda. Esse trecho 1, ele tem um TCA apenas. A gente obteve esse TCA em 2014 e, em 2018, o ano passado, a gente pediu um aditivo justamente para incorporar o manejo necessário para fazer a praça e nesse aditivo a gente já fez toda uma revisão do conjunto de árvores porque já tinha um tempo - 2014 para 2018 - já tinha passado um tempo razoável. A gente pode fazer uma aferição dessa vegetação toda do entorno. Esse TCA original previa esses números que estão estabelecidos aqui. Acho que eu vou passar direto para o aditivo, que é o registro mais real do que hoje está comprometido com a Secretaria. Esse TCA ele permite duzentos e cinquenta e um cortes de árvores exóticas, cento e quarenta e dois de árvores nativas, dezenove árvores mortas, transplante de quarenta árvores, preservação de trezentos e oitenta e cinco e um plantio de todo esse conjunto, um plantio compensatório na ordem de cinco mil, duzentas e sessenta e oito mudas. Esse número é grande por conta de a gente ter uma interferência em APP ali na Aricanduva e de um outro curso d'água ali próximo da praça. Essas intervenções elas acabaram onerando de uma certa forma a necessidade de compensação que para o meio ambiente é válido, porque a gente está interferindo em áreas sensíveis, contudo a gente ainda precisa ter um esforço grande para conseguir buscar áreas para executar esse plantio. Uma outra questão importante para dividir com vocês é que para a gente conseguir transplantar quarenta espécimes e preservar essas trezentas e oitenta e cinco, quando a gente assumiu também em 2017 teve um esforço com o pessoal

de projetos para readequar o que era possível readequar. A gente fez inúmeras vistorias em campo, buscando tentar deixar as árvores que poderiam viver, dessas maiores, o máximo possível, porque a gente entende que as árvores que estão lá no canteiro central hoje são árvores representativas, porém o corretor quando entra ele precisa ter as paradas à esquerda e é um espaço que tem que ser adequado. A gente conseguiu com muito esforço fazer esse transporte de quarenta, que no início não tinha nenhuma, eram todos cortes. Uma outra questão também aqui: embora a gente tenha autorização já hoje por meio do TCA para cortar as trezentas e noventa e três árvores, a gestão ambiental está liberando isso por frentes. A gente tem um trabalho muito conjunto com o pessoal de Obras para evitar que já se saia cortando todas as árvores do corredor, porque a obra tem as etapas e as frentes que vão acontecendo à medida que a gente vai liberando as interferências. Não tem muito sentido a gente fazer uma contratação e já cortar tudo. A gente faz essa gestão muito frente a frente de obra, para evitar, porque os projetos dessa magnitude eles podem sofrer algumas alterações ao longo da execução e quando você faz o corte autorizado todo de uma vez, lá na frente tendo alteração você pode ter cortado árvore que poderia ter sido poupada. A gestão ambiental consegue garantir essas frentes desde que atue em muito conjunto com o pessoal de Obras e projetos. Hoje, desse total, a gente só cortou sessenta e duas por enquanto, a obra ainda está em andamento. Onde a gente compensa todo esse número de árvores? Preferencialmente, na área diretamente afetada, na ADA. A gente sempre busca que o projeto contemple áreas permeáveis, que considere parte desse plantio compensatório. Em muitos casos, é difícil, porque a terra em São Paulo é cara. Quando a gente vai desapropriar, a gente sempre tem uma restrição em relação a recursos, mas sempre que possível a gente garante no canteiro central, ainda que tenha que ter espécies convivendo com o ônibus passando ali, muito que linear a essa arborização, mas a gente escolhe espécimes adequados para isso, mas não consegue compensar tudo. A gente busca também áreas remanescentes das áreas que a gente se desapropria, tem demandas que surgem no próprio processo de licenciamento, nas audiências públicas dos empreendimentos e depois via associações. A gente tenta incorporar isso nos projetos. A gente buscar locais também nas Subprefeituras: praças e áreas no entorno do empreendimento. Parques é uma opção interessante porque a gente consegue garantir que o plantio fique em área fechada e em último caso também áreas públicas, escolas, postos de saúde que consigam conviver com uma arborização sem ter tanta interferência. Às vezes, a gente tem alguns problemas, porque nem todas as áreas são áreas da própria Prefeitura, são muitas vezes áreas locadas e às vezes esses próprios equipamentos eles têm espaços que estão sempre sendo ampliados, então é meio difícil a gente conseguir parceria nessa questão, mas é um ponto que a gente também busca tentando esgotar e conseguir plantar

o todo. Eu peguei como exemplo aqui aquela praça que une um corredor ao outro, uma planta de situação pretendida, onde a gente, depois de elaborado o projeto da praça, a gente compôs aqui a compensação. Esse é um primeiro trabalho em função do TCA, que gera a necessidade de receber esse plantio compensatório na área onde a gente tem mais espaço. A primeira vontade do pessoal é botar toda a compensação aqui, lotar a praça de árvores - e isso também não resolve - e eu vou dizer para vocês por quê. A gente tem esse projeto que foi elaborado só pelo pessoal de TCAs: ali no canto dá para ver a continuidade da praça. Aqui é um modelo mais ou menos para o corredor, da gente tentar plantar no canteiro central e, em função disso, chegam as demandas também da população, quer dizer, a população não quer só as árvores, ela quer ela numa praça equipamentos. A gente tem que conciliar a demanda da compensação com um projeto o paisagístico e urbanístico, no caso aqui, dessa praça. O resultado disso foi um projeto que conseguiu incorporar alguns equipamentos. A gente incorporou uma quadra, incorporou espaços de convivência, tem toda uma acessibilidade garantida no entorno desse corredor. Isso aqui é a gestão. A diferença da gestão ambiental se resulta nesse trabalho; porque quando você não tem essa preocupação e você não tem o licenciamento sendo levado em consideração na execução do projeto, essas coisas se perdem. Ou bem se faz a compensação ou bem se faz um paisagismo. Para você ter essa integração, a gente tem que estar sempre usando a licença e é importantíssimo que tenha isso amarrado no licenciamento. Isso dá peso para gente conseguir ter voz junto à equipe de projetos e dá peso para a gente conseguir recursos para implantar. Bom, eu falei do trecho 1. Agora falando do trecho 2. O trecho 2 é na Avenida Líder, os três quilômetros. Ele tem uma outra licença. Cada trecho desse teve uma licença de instalação separada. Ele também tem um TCA que foi emitido em 2014, teve dois aditivos depois. Aqui são os termos e esse avançou um pouco mais. A gente já fez todo o plantio compensatório, já chegou na fase de Certificado de Recebimento Provisório. Teve um número menor de intervenção nesse trecho, a compensação aqui foi da ordem de quase duzentas árvores, cento e noventa e três. Foram 30% de porte pequeno e 70% de porte médio. Esse plantio já foi executado, já foi vistoriado. A gente está na fase agora de fazer uma vistoria final para obter o certificado definitivo. A nossa equipe também sempre que tem a execução dos serviços tenta - embora seja uma equipe pequena, mas a gente tenta - acompanhar esses serviços que hoje esses serviços estão dentro das empreiteiras, os contratos de empreiteira, e é importante que a equipe ambiental esteja a campo, auxiliando, vistoriando, porque são esses resultados que alimentam o nosso processo de licenciamento nos relatórios semestrais de acompanhamento da licença. O trecho 2 incorpora também o novo terminal. Esse aqui é o projeto dele ao lado do terminal existente Itaquera. Ele tem uma LAI específica, foi também emitido em 2014 e tem um TCA específico,

que também já teve um aditivo. Essa obra no conjunto dos três, se a gente dividir trecho 1, trecho 2, mais terminal, essa obra é uma obra que está um pouco mais com o ritmo desacelerado. Ela não avançou tanto ainda por conta de recursos e revisão de projetos, mas ela já teve o TCA. Já foram feitas algumas supressões. O plantio compensatório não foi **nem** iniciado e de fato é difícil você plantar quando você ainda tem uma obra em execução. Normalmente, o plantio é a última etapa, porque a gente vai estar plantando, aqui no caso, no próprio entorno do terminal, mas a gente garante, fazendo uma boa gestão, a gente garante que esse plantio seja executado até a finalização da obra. Isso aqui acho que é uma planta só para ver onde foram propostas os plantios dentro do terminal. É em uma área que hoje a gente não consegue antecipar essa execução do plantio. Falando um pouco da lei do SNUC, a gente tem pela legislação a obrigação de reservar até 0,5% de todo o valor gasto com o empreendimento para uma Unidade de Conservação. No processo de licenciamento, na LAP, a gente tem por obrigação fazer uma gestão junto a DUC, que é a Diretoria da Secretaria do Verde, que legisla sobre esse assunto, e para que a gente consiga enxergar onde vai ser feita essa compensação. Esses dois trechos eles já têm planos de trabalho emitidos pela Secretaria do Verde, desde 2014/2015. Ocorre que quando a gente contrata a obra, a obra não tem ainda essa informação: o que vai ser feito e aonde vai ser feito. A gente fica num dilema: ou a gente incorpora esse serviço num contrato já executado ou a gente contrata serviço à parte. Esse é um desafio que eu encontrei também quando assumi a área, porque a gente espera que terminando a obra esse compromisso já tenha sido pago para o órgão licenciador, mas a gente tem que ter ferramentas adequadas para isso também. O nosso esforço hoje é conseguir equalizar esses serviços solicitados em DUC no momento certo, com reserva de recursos e com atividades que a gente consiga colocar no nosso dia a dia. Você faz uma obra de infraestrutura que muitas vezes não tem similaridade com alguns serviços que a Unidade de Conservação necessita, então como a gente concilia isso. O nosso objetivo junto ao licenciamento é garantir que até o final da licença esses recursos já estejam destinados. O corredor Itaquera, embora tem tido agora uma revisão do Plano de Metas, que reduziu os quilômetros de corredores, o corredor Itaquera é um que está garantido nessa nova reestruturação. Essa revisão do plano vai até 2020. Ele está dentro de um dos três eixos, do eixo "Cuidar da cidade". Ele é um dos 36 objetivos estratégicos, é o objetivo 11, que é melhorar o transporte público, e é parte dessa meta de melhorar o transporte público, é a meta 11.1, que é implantar 9.4 quilômetros de novos corredores. O corredor Itaquera é quase que, unindo o trecho 1 ao 2, é a meta toda, meta 11.1. A gente quer garantir que com a entrega do trecho 1 e 2, o corredor comece a operar à esquerda, que dê funcionalidade a ele, que é o que é a população hoje tanto espera e que agora está cravado pela revisão do plano. Eu botei um *slide* aqui de desafios a serem superados

para dividir com vocês um pouco as questões por qual a gente passa, a área ambiental passa. Já falei, mas é uma área importante para a gente tentar discutir e encontrar soluções, que é com relação à falta de áreas para plantio. A Zona Leste é uma área extremamente carente de verde, mas ao mesmo tempo é carente de áreas permeáveis para receber esse plantio. Como vencer esse desafio, como conseguir ampliar essas áreas com todos os problemas que a Zona Leste tem? A gente teria que conseguir contratar esses serviços de compensação, se não no contrato de obras, mas ao mesmo tempo que o contrato de obras para que ele pudesse acontecer na finalização da obra também o pagamento dessas compensações. A gente precisa com isso prever recursos para compensação ambiental. É uma coisa que parece novidade quando você fala que precisa de alguns milhões no começo do ano para pagar compensações. Não é muito de praxe ter isso enxergado dentro do universo do empreendimento, porque sempre esteve a reboque de Obras e a hora que você tem uma área ambiental que trabalha esses assuntos de uma maneira separada, você consegue ir atrás dos recursos e apontar as necessidades no tempo adequado. Prever esses recursos é importantíssimo para que a gente garanta a execução até o final do empreendimento. A gente tem que garantir também 100% da manutenção de todos esses espécimes arbóreos plantados. A manutenção do contrato muitas vezes vai só até o plantio e você ainda estende pelo Termo de Compromisso mais de seis meses até pelo menos dois anos de manutenção. Ou isso está incorporado a algum contrato nosso ou nós temos que ter condições de ter um contrato à parte que dê manutenção para esse plantio e uma questão que é fundamental, que é compatibilizar os diversos projetos, para que a gente consiga garantir uma qualidade também desses espaços de compensação. Esse aqui eu deixei para reflexão, botei uma imagem aqui em homenagem à Rosélia (*né, Rosélia? Para você olhar aqui para o parque na Zona Leste*). É o nosso o nosso desafio maior: como conseguimos estudar alternativas que essas compensações se concentrem no equipamento que seja prioritário para a cidade, que seja prioritário para a região que está sendo afetada por esse impacto. Os nossos projetos de mobilidade eles são extremamente importantes. A população carece de corredores que consigam diminuir o tempo de viagem dos usuários, que hoje ficam muitas vezes duas, três horas para se deslocar do extremo leste até a região de trabalho. Então, são equipamentos extremamente importantes, que beneficiam um número enorme de pessoas, só que eles têm que lidar com essas questões também de compensar, porque ele passa e ele causa impactos positivos, mas causa impactos negativos, então como a gente conseguir canalizar os nossos recursos para compensação ambiental, para plantio, para implantação de áreas verdes de uma maneira que ele aconteça de fato no momento certo, para que a gente não pendure isso como passivo. Isso é um trabalho que a gente já vem de alguma maneira tentando proximidade com a Secretaria do Verde e está

sendo bem receptivo de enxergar essa solução, que é multissetorial. Não é só de quem está implantando o empreendimento. A gente atinge áreas muitas vezes com ocupações irregulares, áreas de fundo de córregos, áreas que intervêm com a dinâmica da região e a gente precisa ter essa questão casada. Eu acho que se conseguíssemos elencar um bom equipamento na Zona Leste que fosse a meta da Prefeitura e que conseguisse receber todos esses recursos que nós temos e executasse no tempo da obra, seria um ganho para várias frentes da Secretaria e para a população mais ainda. Ela recebe o equipamento de mobilidade e ela recebe um equipamento com área verde com qualidade no mesmo tempo. É isso, gente. Fechou aqui.

Devair Paulo de Andrade (Coordenador Geral) - Obrigado, Conselheira Andréa pela apresentação e abrimos a palavra para a Presidência da Mesa e os demais Conselheiros para a apreciação. Seu Ângelo e depois, o Senhor Ivo.

Cons. Ângelo Iervolino - Ângelo, Fórum Leste. Primeiro parabenizar a Andréa pela apresentação e tirar umas dúvidas. Eu, aqui nessa casa, participei de todas as Câmaras Técnicas que se referia a corredores. Acho que de todos da Zona Leste, o único que as obras foram iniciadas foi realmente Itaquera, porque o Aricanduva está parado, os outros estão parados. Apesar de ser mais área do meu amigo Ivo, que eu acho que ele vai falar alguma coisa, eu tenho passado periodicamente pelo corredor. O corredor estava praticamente pronto até quase chegar a Avenida Itaquera, faltava acho que um trequinho só perto do Mercado Negreiro em diante e passando recentemente em algumas áreas que o corredor já estava pronto, eles quebraram novamente parte do corredor e não tenho visto gente trabalhando nesse pedaço. Um dos pedaços é em frente à Cohab 1, dos dois lados. Não sei o que está acontecendo. E a questão da arborização, a Avenida Itaquera e a Avenida Líder, ela sempre foi bem arborizada, desde a Avenida Aricanduva e até a praça. Eu acho que é penoso para os moradores da região concentrar toda a arborização num único local como está pretendendo se fazer na praça. Eu acho que precisava reestudar. Seu Ivo é representante do CADES da região, morador da região. Eu acho que depois ele pode complementar. Obrigado.

Devair Paulo de Andrade (Coordenador Geral) - Depois do Seu Ivo, a Rosa está com a palavra.

Cons. Ivo - Bom dia a todos e a todas novamente. Ivo, Parque Savoy City. A sua fala foi bastante interessante, porém... porque a questão de compensação, nós temos dois locais que pode se trabalhar plantio. Um seria o Parque Linear Rio Verde e outro que teria que estar solicitando junto à Prefeitura de Itaquera a retirada de um ferro velho embaixo das pontes ali

no centro de Itaquera, com risco de gestão de incêndio, de danos. Está acontecendo, o poder público passa e não vê e a maneira de coibir esse movimento, é só através de plantio mesmo, que depois de plantado, mantém-se e evita o espaço ser ocupado de maneira ilegal. Agora, a fala do Iervolino foi interessante, porque realmente nós estamos vivendo um problema. Eu entrei agora para o Conselho de Transporte na cidade, vou tomar posse o mês que vem. Eu não sei o que está acontecendo que o pessoal da obra trava os acessos, particularmente na 66, sem acompanhamento de CET. A CET vem depois para tentar desafogar um pouquinho. Tudo é impacto ambiental no território. Acaba sendo impacto ambiental, porque trava tudo e até desenrolar aquilo, fica aquele conflito. Eu queria saber que contrato há com essas empreiteiras que eles têm o livre arbítrio de fazer o que querem na cidade, sem acompanhamento do poder público. Obrigado.

Devair Paulo de Andrade (Coordenador Geral) - Por gentileza, Rosa. A Conselheira está com a palavra.

Cons. Rosa Ramos - Bom dia a todos. Quero parabenizar também a Andréa pela exposição e tentar aqui mais num formato de aprendizado sobre a matéria esclarecer alguns pontos. Eu acho que esse tema aqui no Conselho é de grande relevância, uma vez que essas compensações de obras públicas tão demoradas para conclusão às vezes acabam ficando no esquecimento. Eu pergunto, Andréa, se você tem conhecimento se algum desses TCAs pelo descumprimento, por alguma razão, já foi executado, porque o Termo de Compromisso Ambiental é um título executivo. A outra questão é em relação à substituição desses TCAs, quando, por exemplo, há necessidade de naquele local onde houve a compensação, ser efetuado outras obras, como, por exemplo, eu estou imaginando - gostaria que você confirmasse - se ali no entroncamento, por exemplo, da Imigrantes com a Bandeirantes era um trecho onde houveram inúmeras compensações visivelmente. Passava-se por lá - não sei se todos têm conhecimento, mas as árvores de compensação são identificadas e ali a gente via que um grande número de espécies referiam-se à compensação e com as obras que se instalaram ali recentemente elas foram removidas. Inclusive já foi pauta aqui nesse Conselho sobre a compensação do Expresso Tiradentes. Visivelmente a gente nota também que no encerramento da obra, a gente não nota nenhuma compensação. Gostaria de saber se você tem algum conhecimento em relação a isso.

Cons. Andréa Franklin - Bom, começando pelo colega da Zona Leste. Você falou de problemas do plantio, da gente considerar um plantio só na praça. Na verdade, aquela imagem que eu mostro da praça, a primeira, é justamente para evitar que isso aconteça. A ideia não é concentrar todo o plantio compensatório só na praça, até porque nem cabe. A

gente tem que compensar tantas árvores desse corredor, que ainda que plante todas na praça, a gente ainda sobra mudas para a gente procurar outros locais. O que a gente busca fazer é usar, sim, o espaço da praça para compensação porque além do paisagismo... Qual que é a diferença do paisagismo e da compensação? Para você fazer um paisagismo e plantar uma árvore, você não tem obrigatoriamente por lei um critério em relação ao DAP, que é o Diâmetro Altura do Peito, que é a largura da árvore, que é o quanto ela já cresceu. No caso do Termo de Compromisso, você tem. Você tem que plantar, no mínimo, ou com DAP ou três centímetros, ou cinco centímetros ou sete centímetros. Isso também varia em função do tempo que você vai ter que dar de manutenção. Por experiência - eu trabalho com isso já há algum tempo -, as mudas de DAP 3 elas têm uma tendência a sofrer mais vandalismo do que as outras, então a gente sempre tenta brigar internamente para que seja feito o plantio de DAP 5. DAP 7, às vezes. Tem uma questão que os biólogos e os engenheiros florestais sabem melhor do que eu, mas eu ouço muito os assessores que me auxiliam, que também quando as mudas, dependendo da espécie, já está com o DAP muito grande, ela não tem um bom desenvolvimento, porque você tem que ter uma garantia de que o torrão dela quando foi retirado que seja um torrão razoável. Tem um controle maior para você conseguir ter uma boa muda, além de ela custar muito, muito mais caro. A gente tenta mesclar o que é DAP 3, o que é DAP 5, às vezes DAP 7, dentro do universo de possibilidades - se a área é fechada, daí, sim, você pode trabalhar com DAPs menores. Se a área é aberta nas calçadas ou em praças, a gente tenta compatibilizar essas duas opções. Na praça, ela está recebendo parte desse plantio e o restante do espaço vão ter os equipamentos que a própria população pediu. Era uma área verde anterior ao que tem hoje lá, que é o canteiro de obras, uma área que hoje está em execução, vai ser parte do nosso viário, mas a população não tinha um espaço além daquela praça. Eles mandaram cartas, pediram através de associações e a gente tentou incorporar um espaço que tenha... no mínimo um local para caminhar, tenha equipamentos. Conciliou-se a demanda também que é, como o Ivo falou, o meio ambiente não é só árvore, tem todo um entorno para você atender. Nesse sentido, eu acho que tem chance, sim, até de buscar outros espaços. A gente inclusive está colocando - eu fiz questão de deixar esse penúltimo *slide* - para que venham demandas, porque essas obras estão em execução e elas terão... finalização dela está prevista para o ano que vem. Quanto mais área a gente tiver na Zona Leste que possa receber o plantio, que não tenha interferência, que sejam públicas, a gente aceita como sugestão. Embora isso já esteja no projeto de compensação, não tem problema nenhum a gente estar incorporando eventuais propostas que cheguem a tempo da gente cumprir o TCA, que é o nosso objetivo. Eu gostaria muito de em 2020, entregou o corredor à esquerda, dando funcionalidade, e entregou também a compensação ambiental. Teve uma pergunta aqui

em relação ao outro colega que pediu a apresentação, sugeri o Rio Verde. Para nós, excelente. Pode ser uma área para plantio, sim. Eu sei que o Parque Rio Verde ele já foi implantado uma parte, mas ele ainda tem partes do próprio parque que a gente nem desapropriou. Chegando um desenho, chegando uma proposta de áreas que a gente consiga plantar, é uma alternativa. Embaixo do viaduto, tem um problema ali que você falou que é de ocupação. Isso seria mais com a Subprefeitura. Se a Subprefeitura tiver alguma ação ali e conseguir também liberar a área, desde que seja uma área que possa receber plantio, que também seja um plantio que conviva - eu não sei exatamente que local que você está sugerindo -, mas precisaria de uma vistoria para ver se convive com o baixo do viaduto. Tem a questão de sombra. Em alguns casos, você até consegue colocar árvores de pequeno porte, mas tem que ter um cuidado com relação a essa proposta. Você falou que também tem uma questão de travar acessos durante a execução do corredor. Todos os nossos projetos eles têm planos de desvio de tráfego aprovados por CET. Para iniciar qualquer obra, a gente tem o Termo de Permissão de Ocupação também, que é o TPOV e a nossa obra é fiscalizada e gerenciada pela nossa equipe. Então, não é só o consórcio que está lá fazendo a obra à revelia. Nós temos um engenheiro da São Paulo Obras, que é um Coordenador no mesmo grau - que eu atuo em meio ambiente e ele atua em obras -, ele tem uma equipe que fiscaliza todas essas atividades. O que tiver de reclamação em relação a isso, ou pode-se procurar um canal e procurar o próprio canteiro, que tem uma equipe que fica lá, ou remeter lá para que também o meu espaço e meu telefone faço a ponte com eles, posso levar essas demandas. Também não tem problema nenhum. É claro que essas obras de Itaquera elas tiveram algumas questões de desaceleração, aceleração, troca as gestões, ora anda mais, ora anda menos. Eu posso falar pelo compromisso dessa gestão, que o Vitor Aly, que hoje é Secretário, quando era o Presidente da SP Obras designou para a equipe. A gente tem como compromisso terminar esses corredores até o final de 2020, dando funcionalidade, mas principalmente executando obras com os projetos adequados. A gente tem um histórico de algumas obras que foram licitadas com projeto básico e que não tinham o executivo e deixou alguns problemas. Essa gestão adotou como premissa só iniciar uma contratação de obras com o projeto executivo. A gente não faz a obras com o projeto básico, nem contrata obras. A gente contrata obras com o projeto executivo. Alguns projetos estão tendo que passar por revisão. No meu ponto de vista, é bom que isso aconteça, porque a gente consegue corrigir problemas, inclusive do ponto de vista ambiental. Eu só pude fazer essa proposta de praça mediante algumas revisões de projetos. Se fosse implantar os projetos que estavam lá, essa praça teria talvez lá uma área permeável e um monte de árvore plantada e hoje ela tem um desenho que a cidade está pedindo. Que o processo de licenciamento enxerga e que é considerado também como parte do todo. Acho que a Rosa

falou em relação à questão dos TCAs. Desses TCAs, todos esses TCAs são Termos de Compromisso assinados por SIURB. O empreendedor é a Prefeitura, não é o empreiteiro. A gente tem domínio sobre que está sendo executado. Do trecho 2, um TCA já está na fase de Certificado de Recebimento Provisório, ou seja, já fizemos todo o plantio, que é no trecho da Líder, que é um trecho menor. Os outros TCAs eles estão em aberto, porque a obra ainda está acontecendo. À medida que a obra for acontecendo, que for liberando frentes para receber o plantio, a gente vai executando o que está compromissado no termo. Em relação a você ter eventualmente uma interface com áreas que já têm um plantio compensatório, também por experiência aqui com os colegas de SVMA, tem um cuidado super com relação a essa questão, porque eles identificam isso. Os TCAs que já foram emitidos são de conhecimento do Verde e quando entra qualquer outra obra que tem interface com uma vegetação que já está cadastrada, eles têm essa sobreposição. Nós estamos passando por um problema desse - não é na Zona Leste, é ali na Marginal -, um TCA nosso, da obra da operação urbana, que eu já estava na fase de recebimento provisório, já estava quase indo para o definitivo e vai ter interface com uma obra de transmissão, de uma linha de transmissão que está vindo, que é uma obra privada, mas do Governo do Estado, e que está pegando quase todas as árvores que nós já estávamos quase para receber o certificado. A gente está tendo um contato muito próximo dos técnicos do antigo DEPAVE, que já fez essa identificação, chamou a SP Obras, chamou a empresa, e eles vão passar esse compromisso para essa empresa, quer dizer, todas as árvores que nós já compensamos pela nossa obra, que estariam daqui a dez, quinze anos garantindo essa massa arbórea, elas agora vão passar pelo compromisso de um outro que entrou fazendo uma intervenção e ele vai ter que pagar compensação em cima dessas árvores. A legislação ela é muito rigorosa e ela garante essa execução. Isso eu posso dizer porque a gente tem muita experiência com casos assim. Em relação ao Expresso Tiradentes - eu aqui também vou tomar a liberdade de falar, porque antes de entrar na SP Obras eu trabalhava na SPTrans, trabalhei por quinze anos e o Expresso Tiradentes, o EIA-RIMA do Expresso Tiradentes foi a minha Bíblia no licenciamento, foi onde eu aprendi o que era um estudo ambiental. Eu acompanhei esse processo até o final, até quando eu estava lá, que foi 2015/2016. O Expresso Tiradentes ele, embora chame Expresso Tiradentes, ele vai só do Parque Dom Pedro até o Sacomã. Tudo o que foi feito ali, do Parque Dom Pedro até o Sacomã, em termos de compensação foi executado. Tem uma parte daquela compensação que foi para uma praça próxima - isso eu estou falando de 2006/2007 - foi feita uma praça próxima ao terminal Sacomã. A gente implantou a praça inteira, reformou a praça e fizemos uma parte do parque ao lado do crematório. Também tem parte do TCA que foi pago naquele parque. Depois essa obra foi passada para o Metrô, para o monotrilho, e eles levaram o ônus e o bônus de ter o nosso TCA como já um caminho

andando. Eles incorporaram as obras do monotrilho nesse TCA, foram emitidos aditivos e hoje esse TCA está sob responsabilidade do Metrô, mas das obras do monotrilho. O que tinha de obra feita de 2006/2007 do Parque Dom Pedro até o Sacomã, que eu tenha cuidado, todas as compensações foram executadas. Esse trecho de Parque Dom Pedro até Sacomã, ele previa oito estações, se eu não me engano, estações de transferência e não eram todas que estavam executadas. Tinham três que ficaram para ser executado quando tivesse recursos e aí, esses sim, tiveram TCAs separados. Essas três estações vieram depois, mas me parece que do Expresso Tiradentes, em termos de compensação a gente está bem garantido porque foi executado, sim. Esses processos todos também estão aqui na Secretaria. Se tiver mais interesse em saber, acho que puxando pelo site você consegue informação ou com a própria SPTrans, que agora tem alguém na ambiental que cuida disso, que não é mais o Delson.

Devair Paulo de Andrade (Coordenador Geral) - O Conselheiro Clodoaldo e logo depois o Senhor Ângelo.

Cons. Clodoaldo - Bom dia a todos. Clodoaldo, Secretaria Municipal de Educação. Primeiramente, parabenizar a Conselheira Andréa pela apresentação e levantar algumas questões, que quando você colocou a disponibilidade de algumas áreas públicas, falando um pouco das escolas - e aí eu vou levantar algumas questões que a gente pode pensar aqui. Na Secretaria, sou responsável pelo Núcleo de Educação Ambiental. Então, a gente conhece um pouco as escolas e conheço essa região onde é o terminal. Sou de lá, então conheço. Ali nós passaremos por três diretorias de ensino, pensando naquela área. Agora algumas questões que eu vou levantar, porque ajuda a gente a pensar e, quem sabe, as escolas serem uma parte disso. A gente sempre respeita a autonomia das escolas. Eu falo assim, porque pode ser que tenha escola que queira plantio de árvores para trabalhar pedagogicamente com os alunos; então, são pequenininhos, dependendo da faixa etária. Tem escolas que querem, mas não tem mão de obra; por exemplo, não tem ninguém na escola, não existe jardineiro nem nada e aí, se caso essa escola quisesse, existiria a possibilidade de executar o serviço lá. O tempo da escola é um tempo diferente das nossas Secretarias. Elas sempre respeitam o ano letivo. Se a gente pensar alguma coisa, teria que pensar até novembro, comecinho de dezembro, se não, fevereiro e março. Por que que eu falo? Não que não tem ninguém na escola, mas é uma execução um pouco mais complicada, dependendo do que for. Uma outra dúvida - e eu estou levantando algumas questões, às vezes, as escolas estão bem afastadas do terminal, ali daquela região ou qualquer lugar daquela região, que pode ter escolas ali em São Mateus e Itaquera, que não estão no corredor, mas fazem parte da diretoria como um todo. E caso a escola queira,

decida, qual o tempo que a gente tem que fazer isso? Porque como a gente respeita muito essa autonomia, elas precisam entender, porque uma questão até para colocar, que as escolas pontuam.... A gente visita as escolas. Assim, muitas escolas têm árvores, árvores há muitos anos, trinta anos lá, e a manutenção dela é difícil e isso cria um empecilho para a gente, porque quando você propõe criar árvores, as que já conhecem falam "mas para manutenção". Por exemplo, transportar árvore é uma dificuldade muito grande. Pelo menos é o que a gente escuta. É claro que eles vão recorrer aos caminhos legais - Subprefeitura, onde tenha que, mas isso talvez... não é tão... a aceitação da escola pelo uma árvore não é tão fácil assim. Por isso que eu falo assim: a gente acha que é uma coisa comum, mas depois tem manutenção, coisa e tal, mas eu acho que é possível as escolas. Dependendo, pode ser um número gigantesco ou um número pequeno, porque a gente respeita, mas se a gente pensasse nisso, conversar depois, eu acho que nessas três diretorias - são grandes, muitas escolas lá, precisaria mais... só lá são essas três diretorias, mais de trezentas escolas, muito mais. Seriam essas questões para pontuar e a gente poderia conversar. Muito obrigado.

Cons. Andéa Franklin - Excelente a proposta e abertura que você deu, Clodoaldo. Claro que tem, se for pensar do ponto de vista de Obras, eles sempre querem executar tudo o mais ágil possível. Evidente que dá mais trabalho quando você pinga um pouquinho de plantio em cada local, mas esse é o nosso trabalho na questão da gestão ambiental. Eu sei que tem uma difícil aceitação quando você vai plantar - é curioso, porque as pessoas gostam de escolas arborizadas. As pessoas gostam de qualquer lugar que é arborizado, mas quando ela pensa que aquilo vai dar trabalho, ela também não quer. Eu penso que a manutenção é uma questão geral, porque se nós plantarmos dentro do compromisso ambiental, a gente vai poder dar manutenção do tempo do TCA, que são dois anos, se for DAP 3, seis meses ou um ano, se for DAP 5 ou 7. Depois, isso incorpora na manutenção da própria vegetação da cidade, que aí as Subprefeituras, penso eu, que deva ter contratos para isso. Eu não sei se isso é direto na Secretaria do Verde, mas acho que são as Subprefeituras que têm esses serviços de manutenção em vegetação. É um problema posto para a gente pensar junto. Eu vejo com os olhos, porque a gente poderia enriquecer dentro dos locais. Claro que a gente não vai fazer nas trezentas, mas se a gente consegue pegar pelo menos as escolas que estão no entorno do empreendimento, que vão receber esse empreendimento, até casando com eventual programa de educação ambiental, que também é uma exigência do licenciamento. Enxergando a demanda antes, e conseguindo trabalhar no tempo, é possível fazer. O que muitas vezes é difícil é porque quando chega a demanda, a obra já está passando por ali e aí eu perco um tempo, contratos têm prazos, então se eu também não atendo no prazo de quem está contratado eu tenho multas e cláusulas que eu tenho que

seguir... A gente trazendo o problema no tempo, eu acho que isso é perfeitamente exequível. Então, depois a gente se fala por e-mail para tentar pegar esses dados. Agradeço.

Devair Paulo de Andrade (Coordenador Geral) - Nós temos mais dois Conselheiros para fazer perguntas nesse momento: Seu Ângelo e depois a Sonia Hamburger. Depois, logo após a Andréa responde às perguntas dos dois Conselheiros.

Cons. Ângelo Iervolino - Ângelo, Fórum Leste. Na realidade, eu acho que complementando o que a Andréa falou, respondendo para a Conselheira Rosa, eu acompanhei a Câmara Técnica, desde essa Câmara Técnica que você falou, que era para ser corredor de ônibus, desde até a Cidade Tiradentes, do Parque Dom Pedro até Cidade Tiradentes, depois virou monotrilho, e a compensação do monotrilho.... tivemos uma das melhores compensações que nós tivemos, eles foram bem generosos e foi aplicado na construção da sede sustentável, primeira sede sustentável de um parque natural, dentro do Parque Natural Fazenda do Carmo. E também me parece que uma parte também não deu para o projeto todo, mas eles também iniciaram a parte de pesquisa a respeito da área que vai ser educação ambiental também do parque natural. Era na Estrada da Fazenda e o outro vai ser dentro lá da área perto do Aricanduva, lá em São Gonçalo, no São Gonçalo. Foi uma compensação muito boa, que nós conseguimos utilizar bem o dinheiro.

Cons. Sônia Hamburger - Na verdade, eu não pedi a palavra para fazer uma pergunta, só para levantar com mais ênfase essa questão dos TACs, porque eu participei por um período do FEMA e os TACs que são em recursos, pagos em recursos, eles vão para um Fundo que é utilizado no FEMA. Eu acho que essa questão dos TACs para nós aqui do CADES é bastante importante e eu gostaria que fosse colocado como ponto de pauta, porque inclusive essa escolha entre o plantio e o recurso, eu gostaria de entender como é que se faz. A gente sabe que tem TACs que estão, como ela disse, a Conselheira Rosa falou, que tem TACs em dívida com a Prefeitura, TACs altos do Metrô, da Marginal. Eu acho que seria interessante a gente ter um entendimento mais aprofundado sobre esse assunto. Obrigada.

Cons. Andréa Franklin - Na verdade, se me permite, Sônia, o entendimento acho que é um pouco equivocado, porque nós estamos falando aqui de TCA, que são os Termos de Compromisso Ambiental. Esses termos eles são firmados quando o empreendimento interfere numa vegetação e você precisa ou cortar ou transplantar. Os TACs, que são os Termos de Ajustamento de Conduta, é um documento que é firmado quando você tem algum problema ambiental que você já reconheceu um dano ambiental e você tem que firmar um TAC para poder dizer como é que você vai pagar aquele dano que você causou. No nosso caso, nós não temos TAC, nós temos TCAs, graças a Deus. Esperamos terminá-los sem ter TAC

nenhum. Agora com relação, nos nossos, pelo menos, o período que você executa, para nós o horizonte final é o final da obra. A obra terminada com o TCA cumprido é um compromisso que o cronograma nos atende, eu acho que atende a população. A gente tem muito problema para cumprir antes, porque se você ainda tem uma parceria, como o Clodoaldo colocou, de plantar em escolas, eu até posso começar a fazer esse plantio durante a obra. Agora, boa parte do plantio, no caso de corredor, ou ele vai no próprio canteiro central, que a gente tenta direcionar sempre o plantio para a área que foi diretamente afetada. Foi ali que a gente tirou uma massa arbórea, é ali que a gente tem que tentar devolver, sempre o mais imediato possível da obra, da área que você está atuando. Isso é premissa dos nossos projetos e alinhadas com a Secretaria do Verde. Agora, na impossibilidade de você fazer todo o plantio ali, você pode buscar áreas, de preferência na ADA - Área Diretamente Afetada, na área de influência direta, que são os quarteirões próximos, as bacias próximas ao perímetro das bacias. Não conseguindo, se o número é muito maior, aí tem que entrar para uma outra discussão se isso vira recurso, se não vira recurso. A questão de virar recurso é: você põe no FEMA e está lá. Você precisa ter uma forma de cravar aquele dinheiro que você pôs no FEMA para que ele seja aplicado, na minha opinião, na Zona Leste, que foi aonde o impacto foi causado. Quando vai para o FEMA, se você não dá um endereço para ele, ele pode virar qualquer outra coisa em qualquer lugar da cidade. Tendo esse cuidado no FEMA, eu acho que está garantido, mas aí a gente já esgotou as outras alternativas. Não vejo - eu pelo menos - uma alternativa passar todo o recurso para uma dotação para o FEMA que vai ser feito qualquer outro projeto. Acho que a gente tem que tentar primeiro esgotar, que é o que a gente está fazendo em Itaquera. O que que dá para eu, como empreendedor, já colocar no meu projeto? Eu já fiz a praça, já fiz o canteiro, já fiz as escolas que o colega indicou, que a gente conseguiu, já fiz os parques, já fiz as áreas nos entornos, nas praças, na Subprefeitura. Bom, ainda tenho três mil para plantar, não tenho mais área para plantar. O que que eu faço? Daí chegando, em uma conversa com o Verde, a gente pode entender a melhor alternativa. Passo isso para recurso? Ou a gente vai canalizar tudo num único parque, que é aquela meta de, eventualmente, canaliza lá para o Cabeceiras do Aricanduva ou para a APA do Carmo. Aí o Verde é que arbitra também. A gente segue o que o órgão legislador nos permite, mas a gente tem bastante diálogo.

Cons. Sônia Hamburger - Só complementando. Obrigada, Andréa. É Sônia, do Centro-Oeste 1. Exatamente essa discussão que eu acho que é importante, porque isso é uma preocupação bastante grande de SIURB, mas a gente não vê essa preocupação, por exemplo, em empreendimentos privados, de ter essa seriedade e aí acaba caindo no FEMA

e cai num buraco, enfim. Eu acho que é uma discussão que vale a pena a gente levantar. Obrigada.

Cons. Rosélia - Rosélia, sou do Planejamento da Secretaria do Verde. Essa é a grande aflição que quem trabalha em planejamento - e a Andréa já é parceira em muitos anos - é questão de como a gente conseguir viabilizar aquilo que está planejado. A gente tem uma série de parques planejados no Plano Diretor. Quando entra uma obra desse porte, a compensação é um volume bem substancial e que você poderia aplicar de uma forma um pouco mais inteligente. A gente vê que eles ficam nessa dificuldade de plantar. Tem que pulverizar esse plantio e depois o resultado você pode tentar acompanhar, mas a gente não alcança depois, não vê. Pode até estar pulverizado pela cidade, mas a gente não visualiza e uma região tão carente, tão necessitada de parque, tantos problemas nos rios - o próprio Rio Verde é uma dificuldade para fazer uma atuação ali, porque a gente conseguiu só implantar um trecho. Ele é um rio que nasce dentro do Parque do Carmo, então a nascente dele está protegida, só que ele passa por uma série de áreas públicas que estão cheias de favela, de ocupações irregulares, e depois uma outra área privada, que teria que ser desapropriada para poder passar o parque. Então, ele é muito difícil de implantação. Está lá planejado no Plano Diretor e a gente persegue isso, só que quando entra uma obra dessa, que teria uma possibilidade de você carrear recursos para um parque, o cronograma ele não bate. A gente tem um cronograma, eles têm outro e aí, como seria o ideal seria a gente conciliar essas obras numa só, não fazer uma obra aqui, outra obra ali. Quer dizer, se você conseguisse planejar, as Secretarias se conversarem e conseguir fazer um plano de fato integrado e que a própria Secretaria de Obras pudesse fazer o parque junto e não a gente depois entrar com o parque para depois eles plantarem. Isso é o sonho do planejador, que a gente fica batalhando aqui anos e anos tentando isso. Eu acho que isso é bem um retrato de como a gente trabalha fragmentado e é um esforço muito grande que eles estão fazendo nessa implantação e o resultado não é aquele que a gente gostaria, porque ambientalmente você fica com essas pequenas intervenções. É isso.

Devair Paulo de Andrade (Coordenador Geral) - Nós vamos encerrar na fala...

Cons. Ivo - Ivo, Savoy City. A fala da nossa companheira é bastante interessante, porque na implantação do Parque Linear Rio Verde, nós tivemos com o Secretário aqui diversas vezes, que era o Eduardo Jorge. Havia uma vontade política tão forte na época, que foi tirado residências de primeira linha onde é o parque, comprado pela Prefeitura, mansões. Não estou falando área como Francisco Munhoz, que é onde construíram um corredor. Era uma favela edificada. O que que há, gente? As Secretarias que não se falam? Falta de vontade

política? A mesma angústia que eu tenho com relação ao Parque do Carmo. Como o Senhor sabe, está sem energia. Por que que é que o FEMA não intervém com uma proposta financeira para o bem da cidade? São coisas que a gente não entende. Faz quatro meses. A nossa Coordenadoria da ambiental foi obrigada a sair de lá para o Bonifácio porque não tem como ligar um computador e ali é a Coordenadoria Leste, que nós temos o Agapito aqui, que é um companheiro nosso há muitos anos e trabalhou em toda a Leste e hoje está no comando aqui. São visões que a gente não entende. Está faltando diálogo? Eu sei que o Secretário, ele quer dialogar. O nosso Secretário quer, mas nós temos que partir para soluções, Secretário, se não a coisa vai andando, andando, andando e vai passando o ano e o pessoal fica cutucando a gente. Por que até agora? Não tem como calar isso. Obrigado.

Luiz Ricardo Viegas (Secretário Adjunto) - Bom, Zona Leste... Primeiro eu queria fazer algumas considerações que eu acho que são importantes. Primeiro, a Andréa foi muito feliz na apresentação, demonstrando quais são os compromissos da cidade, da Prefeitura, com relação às obras e isso reforça e, aliás, essa é a orientação que o Prefeito Bruno Covas, neste Plano de Metas do biênio 19/20 colocou para toda a equipe das Secretarias. Nesse sentido, todos nós estamos cientes de quais são as tarefas que nós vamos ter que fazer. Primeira boa notícia é que o corredor, a obra vai ser executada, em cima de um recurso que já está direcionado, garantido e, portanto, os compromissos do projeto com relação às compensações serão cumpridos. E é isso que eu também gostaria de reforçar: que a Secretaria do Verde tem sido muito primorosa no acompanhamento de todos os compromissos firmados com ela, tanto no aspecto de compensação como aspecto de ajuste de conduta. Eu queria aqui reforçar um posicionamento institucional da Secretaria. Nós hoje temos uma Coordenadoria de Licenciamento Ambiental, que a Clara está aqui hoje, e a orientação é muito forte nesse sentido com relação ao cumprimento de TCAs e com relação aos TACs. TCAs de obras públicas para nós é muito mais fácil, porque há um entendimento político em que às vezes um puxãozinho de orelha, um ajuste aqui, um ajuste ali é fácil de a gente colocar e também o montante de recursos para essas compensações elas têm um efeito muito interessante. Queria aqui dizer primeiro que a boa notícia é que nós vamos ter recursos para compensação, mediante a essa priorização da obra para essas compensações. As ações com relação ao que será feito dentro eles estão dentro de um projeto que foi apresentado pela equipe técnica da SP Obras, em conjunto com uma avaliação da Secretaria do Verde, lembrando que a Secretaria do Verde - a Rosélia reforçou aqui - tem uma estratégia com relação à questão do componente verde da Zona Leste. Não esquecendo que nós temos um Plano Municipal de Mata Atlântica, que aponta a Zona Leste com o que a gente chama corredor verde, Corredor Ecológico da Zona Leste, e que reforça

todas as ações que forem possíveis nessa região. Parque Nascentes do Aricanduva: esse sairá do papel. Já estamos com recurso direcionado. Aliás, a Sônia participa lá do FMSAI. Está garantido o orçamento para a implantação, para a aquisição do Parque Nascentes do Carmo. Lembrando, o Senhor foi muito feliz quando lembrou essa compensação da obra do Metrô na construção do nosso Centro de Apoio lá, que, aliás, tem uma bela estrutura em termos de educação ambiental. Aliás, um dos os prédios públicos totalmente sustentáveis, ele é certificado. Aliás, seria uma boa oportunidade para os Senhores conhecerem a obra. A obra ela é totalmente certificada no aspecto ambiental. Isso foi inaugurado este ano, com a presença... o Prefeito esteve lá. Então, é importante registrar essa ação. Com relação à questão do Parque do Carmo, realmente *(cadê o nosso Conselheiro? Foi embora? Foi ao banheiro)*. Eu vou aqui aproveitar, mas ontem mesmo era 7:30 da manhã, nós estávamos recebendo os Conselheiros do Parque do Carmo, com Vereadores. Essa demanda tem sido extremamente rotineira com relação ao Parque do Carmo e, às vezes, a gente tem uma angústia e faz sempre uma pergunta como Administrador falar o seguinte: é o segundo parque da cidade, tamanho do Ibirapuera e o Ibirapuera recebe um milhão e meio de pessoas e o Parque do Carmo recebe cem mil. Temos estruturas, o Planetário. Temos estrutura da educação ambiental. Tem alguma coisa que o poder público precisa olhar o Parque do Carmo de uma forma mais estratégica como um ponto irradiador, principalmente para a Zona Leste e a importância que ele tem na região. Nós estamos achando que o grande desafio da Secretaria hoje é buscar formas e recursos para fazer gestão de parques, lembrando que o orçamento da Secretaria do Verde é de cento e noventa milhões de reais. É um orçamento muito apertado, mas dentro do orçamento da cidade é o que é possível. Nós estamos buscando alternativas. Já tivemos, com relação à concessão do Ibirapuera, um resultado que, espera-se que seja concretizado. Nós vamos solucionar pelo menos o custo operacional desse parque e dos parques que estão no pacote e vai nos aliviar um pouco a pressão e que nisso nós faremos redirecionamentos de recursos. Estamos promovendo nos próximos trinta dias, nós vamos lançar um chamamento público para parcerias públicas. Não é concessão, mas para chamar parceiros para os parques da cidade. Nós temos aí uma meta de cinquenta e um parques a serem revitalizados, não esquecendo que nós temos cento e sete e houve uma priorização dos cinquenta e um parques da cidade - e o Carmo está nesse pacote. Temos alguns recursos já direcionados através do FMSAI. Nós já temos trinta e oito milhões. Estamos já negociando para mais oito - quarenta e seis milhões de reais. Estamos buscando algumas alternativas de projetos para colocar dentro do FUNDURB, que também há uma possibilidade de nos apoiar com relação à revitalização. Esse esforço na revitalização dos parques nós estamos fazendo e no caso específico da Zona Leste, o Parque do Carmo está como um ponto de buscarmos a solução com relação a isso. Sem promessa,

nós vamos ter que executar. Inclusive nós ontem fizemos um acordo que, provavelmente, no início de maio nós teremos uma reunião lá no parque e a gente pediu que fosse priorizado algumas ações e nós vamos, em conjunto com a equipe, e apresentar para os Conselheiros, enfim, quais são os cronogramas, as coisas que nós vamos fazer. É a luz, é a limpeza, é a manutenção. Tem várias coisas pequenas e que são importantes a serem resolvidas e que a gente vai precisar enfrentar e resolver de forma rápida. Eu queria aqui reiterar primeiro a vontade do poder público em executar esses corredores, portanto, tendo recursos de compensação para investir na região da Zona Leste. Com certeza, essas discussões todas elas estão sendo alimentadas com a Secretaria do Verde, Secretaria de Obras, SIURB, enfim, para alguns ajustes e me chamou muita a atenção uma manifestação do Clodoaldo quando disse que as escolas não gostam de árvore. Essa é uma realidade. Você pega lá o pedido para retirar árvore, aquela coisa do incômodo. É um pouco do reflexo do que acontece na casa da gente. As pessoas dentro de casa não sabem muito conviver com a árvore. A árvore passa a ser um problema e a gente espera que... inclusive eu convido os Senhores para segunda-feira nós vamos fazer uma assinatura conjunta da Secretaria da Educação com o Verde com um projeto especificamente de capacitação de mil professores nos próximos dois anos com a agenda de educação ambiental, para que a gente tente, de uma forma ou de outra.... Esse relato diz muito a verdade, essa é a realidade. Tem escola, às vezes as pessoas não estão plantando, as crianças não entendem, não entram... A gente espera tentar com o tempo mudando e pode ser que essas escolas, pelo menos da Zona Leste, a gente conseguir arrumar, fazer um esforço, acho que é um ponto importante. Não esquecendo também que nós estamos na construção do plano PLANPAVEL, Plano Municipal de Praças, Áreas Protegidas e Verdes, que e aí vai apontar um pouco os pequenos espaços, que às vezes a gente tem muito conflito e a gente não aponta as praças, o espaço verde, e isso, a cidade está sem esse plano. Isso inclusive é uma obrigação do Plano Diretor que este plano exista, como o Plano Municipal da Mata Atlântica, como o PLANPAVEL, como o Plano de Arborização Urbana. Todas essas ferramentas de planejamento estão sendo trabalhadas agora, eu diria assim, efetivamente, com a gestão, sob inclusive a coordenação da nossa Coordenadora Rosélia. Era isso que eu queria comentar. Obrigado. Já temos dinheiro.

Cons. Ângelo Iervolino - Eu ia fazer uma sugestão que a gente tem tantos a pessoa nos devendo TAC, que tivesse alguém do ramo ou alguém que preferisse, em vez de dar em planta, nos ajudar nisso, em outras oportunidades nós já fizemos isso somente. Obrigado.

Cons. Meire - Bom dia a todos, Meire, Secretaria do Verde, UMAPAZ. Eu gostaria de convidá-los - o convite oficial vai estar chegando acho que até amanhã já está em posse de vocês - mas nós vamos estar fazendo a assinatura. O Secretário Eduardo de Castro e o Secretário

João Cury vão estar assinando a Portaria Intersecretarial que vai dar um *boom* para a gente trabalhar com os professores na área de educação ambiental. Vai ser às 10 horas, no portão 7, na própria UMAPAZ, no auditório 2. Todos estão convidados.

Devair Paulo de Andrade (Coordenador Geral) - Encerradas as manifestações, passamos para o segundo ponto da ordem do dia: apresentação do programa Águas de São Paulo Bacias da Leste, pela Senhora Cíntia Okamura, do Fórum Agenda 21, Macro Leste, e pelo Fellipe Henrique Martins Moutinho, do CADES Regional Aricanduva. Por gentileza.

Cíntia Okamura - Bom dia a todos. Quem vai fazer a apresentação é o Fellipe, eu só vou fazer uma introdução. Em nome do Fórum Agenda 21 Macro Leste, nós agradecemos o convite para poder apresentar o projeto Zona Leste Sustentável, em especial o projeto Águas de São Paulo Bacias da Leste. Eu só queria fazer uma apresentação do Fórum Agenda 21, quem é o Fórum Agenda 21 Macro Leste? Aqui a gente tem alguns fundadores: Rute Cremonini. O Fórum ele nasceu em 2005 - já tem catorze anos -, Rute, faço questão de destacar que a Rute é uma das fundadoras, junto com o Ângelo Iervolino, o Ivo, enfim. Desde 2005 o Fórum existe, ele abrange as doze Subprefeituras da região Macro Leste da cidade de São Paulo. Eu participo desde 2005 como representante da CETESB, mas, enfim, hoje eu sou mais uma voluntária do que qualquer outra coisa. Eu falo brincando: eu fui para ajudar a fundar o Fórum Agenda 21 Macro Leste em 2005 e nunca mais consegui sair de lá. A Zona Leste me encantou. A Agenda 21 ela trabalha... o Fórum, ele trabalha com o princípio de trabalhar com a participação e a parceria entre os três setores: poder público, sociedade civil e iniciativa privada, porque a gente acredita que só com esse trabalho em parceria que a gente consegue, então, construir um novo modelo de desenvolvimento, desenvolvimento sustentável, e a gente prefere dizer que a gente tem a necessidade de construção de até um novo modelo de civilização. Todo terceiro sábado do mês, com exceção de alguns, mas a gente realiza a plenária do Fórum Agenda 21 Macro Leste, que acontece lá no SESC Itaquera. Então, estão todos vocês convidados. A ideia de hoje é dia de fazer apresentação do projeto Zona Leste Sustentável é porque um projeto para a cidade de São Paulo, então, a gente gostaria de estar contando e envolvendo mais parceiros aí. Nesses catorze anos que acontece o Fórum Agenda 21 Macro Leste, a gente considera que persistir no tempo já é uma grande vitória, porque é fácil falar em participação, é fácil falar em parceria, mas muitas vezes a gente tem é trabalhos pontuais que se acabam, então acho que o Fórum Agenda 21 deve ser orgulhar por essa persistência no tempo. Tem muita gente que fala "ah, mas Agenda 21 já era. Hoje nós temos as ODS"...Mas não, porque o grande objetivo do Fórum é conseguir essa construção desse novo modelo. A gente conseguiu já? Não, então o Fórum ainda persiste e é lógico que abrindo as Agendas 2030, enfim. A gente vai se

atualizando. Nesses catorze anos, a gente já realizou várias ações. O que o Ângelo estava comentando é que gente tem um GT de resíduos, que começou com um GT dos Subprefeitos e eu lembro muito bem que foi um trabalho muito bonito em parceria com a sociedade civil. Eu lembro até que a gente ocupou a Presidência da CETESB e foi de lá que surgiu esse decreto emitido pela Secretaria do Verde da questão do reaproveitamento dos resíduos da construção civil. Outro trabalho que a gente tem feito é para enfrentar essa questão de antagonismo entre ambiente e moradia. A gente já realizou algumas discussões importantes. Hoje na CETESB, né, Vivian, a gente tem um projeto FAPESP para cuidar desse assunto. São várias ações, mas em resumo seria isso. O Fórum começou com essa ideia de descentralizar a Agenda 21 e daí surgiu essa ideia dos CADES, a gente pode dizer, e também surgiu com a ideia de também trazer essas ações locais, fortalecer as ações locais por meio dessa visão macro regional. Desde 2017, a gente lançou esse projeto Zona Leste Sustentável com o desejo... A gente sempre tem esse lema "sonhar grande. Sonhar grande sempre". Isso é o lema dos rios e ruas que a gente buscou a parceria e ação imediata. Esse projeto Zona Leste Sustentável tem o grande sonho de que mostrar que essas ações locais em parceria são possíveis e que a soma dessas ações é possível a construção aí de um novo modelo. No Fórum Agenda 21 Macro Leste a gente fez uma seleção de projetos e o projeto ganhador foi o projeto do CADES Aricanduva, que agora se transformou num projeto para a Zona Leste como um todo. É esse que o Fellipe vai estar apresentando.

Fellipe Moutinho - Bom dia a todos, meu nome é Fellipe Moutinho, eu sou Conselheiro do CADES Aricanduva-Formosa-Carrão desde 2013. Atualmente eu estou no meu terceiro mandato. E, hoje aqui, eu trouxe uma apresentação um pouco mais lúdica, não tão técnica, para mostrar para vocês como está, aliás, de onde veio esse projeto que a gente está desenvolvendo hoje no Fórum da Agenda 21, que é o projeto Águas de São Paulo Bacias da Leste, que teve origem com o projeto Córregos do Aricanduva, que foi desenvolvido pelo Conselho de Meio Ambiente Regional do Aricanduva-Formosa-Carrão. Esse projeto de educação ambiental ele surgiu em 2016 com a parceria de duas colaboradoras, que eram minhas colegas do mestrado na época: Maila Paizano de Sá e Cynthia Ferreira. Elas não são Conselheiras do CADES, então essa parceria foi externa, junto com a Universidade Federal de São Paulo, com a UNIFESP. O público-alvo desse projeto ele envolvia alunos do ensino médio, do nono ano do ensino fundamental até o terceiro ano do ensino médio. De onde que surgiu esse projeto? Lá no CADES Aricanduva, a gente tinha muito problema de se tornar um balcão de reclamação. Os Conselheiros, na época, eles apareciam na Subprefeitura mais para questionar e reclamar do que para trazer propostas e ajudar nas políticas públicas. Por meados de 2015, mais ou menos, a gente começou a pensar na ideia de um projeto que a

gente conseguisse envolver a população, trabalhar educação ambiental para conseguir cobrar o poder público de um jeito um pouco mais delicado. O nosso objetivo principal era levantar a qualidade da água de alguns córregos da nossa região, trabalhando a educação ambiental, mobilizando a população do entorno desses córregos para depois chegar na Secretaria de Recursos Hídricos do Estado ou para SABESP, para CETESB, questionando "ah, o que vocês podem fazer por nós para melhorar a qualidade da água dos córregos, para ter o tratamento de esgoto etc.?" A gente chegaria com um documento com várias informações, com mobilização social e não só a partir de um balcão de reclamações. Essa era a ideia inicial do projeto. Como métodos, a gente teve a coleta de água durante doze meses seguidos, mensalmente, pelas escolas e eu vou apresentar o número da apresentação com fotos que fica um pouco mais fácil de entender. Os principais produtos que a gente teve, que a gente obteve foram: os dados de qualidade da água, então a gente sabe que, por exemplo, o Rio Aricanduva é um rio famoso na Zona Leste. A CETESB monitora ele, a SABESP também. A CETESB ela disponibiliza esses dados na Internet, então a população tem acesso, mas alguns córregos menores, como o Córrego Rapadura, que tem muito problema de enchente, de lançamento de esgoto, o Córrego Ipiranguinha, entre outros, a gente não tem acesso. A gente conseguiu disponibilizar esse dado para a população, de algumas análises de qualidade da água. A gente também teve como produto a conscientização ambiental de moradores locais e dos próprios alunos que participaram do projeto - e vou mostrar isso mais para frente também. Nós desenvolvemos um *workshop* denominado Águas de São Paulo Bacia do Aricanduva, que ocorreu no Centro Cultural da Vila Formosa, no Teatro Zanoni Ferrite, na verdade na Biblioteca da Vila Formosa. Também criamos um abaixo-assinado pedindo a entrada desses córregos no programa Córregos Limpos da SABESP e também a gente gerou um relatório com esses dados. Aqui tem os quatro córregos que foram adotados durante o projeto: o Córrego Tapera, o Ipiranguinha, o Córrego Rapadura e o Rio Aricanduva. Para quem não sabe, a Subprefeitura Aricanduva-Formosa-Carrão ela tem três distritos - Carrão, Aricanduva e Vila Formosa, então a gente tinha um córrego representante de cada um e mais o Rio Aricanduva, que é a interdistrital. Aqui a gente também tem o grupo de alunos que participaram do colégio. Notem que as quatro escolas participantes elas são escolas privadas, elas são escolas particulares, porque quando a gente estava escrevendo o projeto, quando nós colocamos as escolas públicas para participar, a gente teve alguns impedimentos, tanto do Estado como da Prefeitura. Ah, a verba. Na época, por exemplo, os partidos eram diferentes, então a Prefeitura não queria trabalhar dentro do Estado e a Prefeitura estava impedindo a entrada no Estado. A gente falou: bom, por conta disso, a gente não pode deixar de desenvolver. Vamos escrever um projeto piloto com escolas particulares para ver se a gente consegue melhorar essa metodologia e ter

alguns resultados bacanas. Aqui são as quatro escolas: Colégio Costa Aguiar, Colégio Soter, Santa Marina e o Colégio Formosa. Além desse monitoramento mensal de qualidade da água, as escolas elas tinham a liberdade para escrever miniprojetos e miniações para serem desenvolvidas em cada um dos córregos. Eu trouxe o exemplo, por exemplo, do Colégio Soter, que desenvolveu o plantio em áreas próximas ao Córrego Ipiranguinha. Aqui é um ponto viciado de lixo, onde os alunos, junto com a diretoria do colégio, entraram em contato com a Subprefeitura, colocaram equipamentos de ginástica ao ar livre nesse ponto viciado de lixo, fizeram um plantio de algumas mudas junto com a Subprefeitura e com a Secretaria do Verde e também trabalharam a conscientização, entrevista com moradores e também faziam teatro para os alunos mais novos sobre educação ambiental, imitando super heróis e os vilões do lixo e etc. Eles estavam adquirindo conhecimento ao longo do projeto porque a gente tratava toda essa questão de meio ambiente, do reconhecimento do rio por parte deles, porque o rio é próximo da escola, mas eles não conheciam o rio. "Ah, que córrego que é esse? Por que que a água está cinza?" Eles aprenderam com o projeto e passaram isso adiante, que era um dos objetivos também que a gente tinha. Além disso, todos os dados eles sempre foram disponibilizados no site da Subprefeitura Aricanduva-Formosa-Carrão mensalmente com dados, por exemplo, de oxigênio da água, de nitrogênio, *E. coli*, que a gente também fazia análise, para a população ter acesso pelo menos desses córregos que participaram. Se hoje vocês entram no site da Subprefeitura Aricanduva-Formosa-Carrão, tem todo o histórico do projeto e esse gráfico com as análises mensais. Não adiantaria a gente fazer só esse projeto com as escolas e acabar por aí. Por isso, nós pensamos nesse *workshop* que tinha como nome Águas de São Paulo Bacia do Aricanduva, onde os alunos foram responsáveis por passar todo o conhecimento que eles adquiriram e as informações que eles levantaram para o público. Nesse dia do *workshop*, que aconteceu, se não me engano, em 8 de dezembro de 2017, os alunos eles apresentaram para um público aproximado de duzentas pessoas, cento e noventa pessoas que estavam no teatro. Esse *workshop* ele teve vários parceiros, como Placprint, Filtros Europa... Então, foi um evento sem copos plásticos. Na verdade, Filtros Europa acabaram fazendo toda a hidratação de evento, doando copos de fibra de coco para os palestrantes e etc. Foi um evento bem bacana onde os alunos apresentaram por forma de pôster e de palestra para toda aquela população que estava assistindo. Aqui tem algumas fotos do evento. A gente tem o *stand* ali do Colégio Soter, os certificados. Os alunos eles foram reconhecidos, eles receberam certificado feito pela Secretaria do Verde, assinado pelo Secretário, por mim, e eles ficaram super felizes com isso. A gente também teve parceria com artistas plásticos, que fizeram essas estatuetas de graça para a gente entregar para os diretores das escolas, para os membros da Mesa. Além da população, a gente também tinha uma Comissão Técnica, uma banca

de especialistas que assistiram a apresentação dos alunos. A gente tinha, na época, o Subprefeito Regional, uma representante da Aliança Rio Doce com aquele caso de Mariana, um representante da SABESP, uma pesquisadora da USP, do Departamento de Engenharia Hidráulica e Saneamento da USP de São Carlos, e a Tamires Oliveira, que era a nossa representante da Secretaria do Verde no dia do evento. Aqui, por exemplo, a gente tem uma foto, não sei se vocês conseguem imaginar, mas é uma boca de lobo no chão que as crianças entram para tomar banho no meio da rua lá na Vila Carrão. Os alunos eles estavam fazendo um transecto no rio para levantar informações e encontraram as crianças entrando ali na naquele buraco e falaram "o que que vocês estão fazendo aí"? "Ah, a gente entra aqui para se refrescar porque é água do córrego" e convidaram o professor e os alunos para entrarem junto. Aí eles "não, muito obrigado". Eles conheceram a realidade das pessoas que moram ali no entorno do córrego, o que também foi bem bacana. Mas depois disso, fizemos todo esse projeto, fizemos a divulgação. O projeto ele foi eficiente, os alunos, eles gostaram do projeto, ele é passível de replicação e etc Bom, a gente aplicou alguns questionários nesses alunos só para ter noção do aceite do projeto da parte deles. Vocês podem ver que praticamente em torno de 90% dos alunos que responderam os questionários, eles aprovaram o projeto, tiveram as expectativas atendidas, 100% dos que responderam tiveram aumento no interesse na área de ciências, 93 participariam novamente e também 97% dos que responderam indicariam um amigo. Esse único aqui que respondeu que não indicaria o projeto a um amigo, foi porque ele falou assim "Ah, Fellipe, como o projeto tem número de vagas limitado, se eu indicar para um amigo eu perco a minha vaga, então ele votou não, e eles deram uma nota média de aproximadamente 9.7 para o projeto. E pós o projeto? A gente apresentou, tivemos esse resultado dos alunos e como que isso mexeu talvez com a cabeça deles e o que eles têm feito até hoje? Aqui a gente tem um exemplo da aluna do Colégio Soter, que é a Mariana Ferreira Augusto, que ela participou do Parlamento Jovem Paulista em 2018 e ela levou um projeto de lei falando sobre o projeto Córregos da Aricanduva que ela participou. Então como envolver os alunos etc.? Notem, isso daqui foi uma iniciativa dela com a professora dela. A única participação que eu tive foi abrir as portas para eles desenvolverem o Córregos do Aricanduva. A partir disso, eles "Fellipe, a gente pode apresentar"? Eu falei "pode, o projeto é de vocês, o projeto não é meu". A gente também teria outros depoimentos também com áudio, da aluna Pietra, a Áurea. Ontem mesmo, esse aluno Gustavo Laranjeira ele me mandou um áudio perguntando "Fellipe, agora que eu já estou fazendo faculdade de jornalismo na Mackenzie, eu conversei com uma professora minha e ela é atuante na área ambiental e ela disse que ela quer entrar em parceria com o projeto, tem como a gente fazer alguma coisa"? Nem respondi ele ainda direito porque foi ontem essa mensagem que ele mandou. A gente vê que ainda está na

cabeça dos alunos tudo isso que eles passaram, que eles vivenciaram. Além disso, para tentar fechar o ciclo... A gente tem o problema ambiental, a gente mobilizou a população e os alunos, trabalhamos a educação ambiental, divulgamos para a população e para parceiros que estavam interessados e que assistiram ao evento e aí, de repente, uma empresa francesa especialista em recuperação de córregos entra em contato com a gente via Secretaria do Verde "ah, vocês têm um córrego lá, que é o Ipiranguinha, é um córrego curto, vocês já têm mobilização social, vamos escrever um projeto de renaturalização desse córrego e tratamento das águas"? "Ué, vamos." Atualmente, a gente tem essa parceria junto com a Phytorestore e com a SABESP para renaturalizar o Córrego Ipiranguinha, que foi um dos córregos adotados para ter um modelo Brasil. Nível Brasil, a gente ainda não tem córrego recuperado desse modo onde eles utilizam plantas macrófitas aquáticas, tanto enraizadas quanto flutuantes, para acabar filtrando o esgoto para que ele caia no córrego mais limpo, com menor turbidez, com uma menor DQO, DBO etc. Aqui a gente vê que a gente consegue fechar o ciclo, entre aspas. A partir disso, fui convidado pelo Fórum da Agenda 21 Macro Leste para ampliar esse projeto dentro do programa Zona Leste Sustentável com o fim de abranger maior parte da Zona Leste. Até então, a gente tinha trabalhado com quatro escolas e uma Subprefeitura e hoje a gente tem cinco Subprefeituras participando, com nove escolas. Aqui, a gente tem os colégios que participaram da primeira vez e que quiseram continuar no projeto, a EMEF Água Azul, EMEF Aureliano Leite, Escola Estadual Professor Emília de Paiva, o SENAC Itaquera, a Escola Estadual Prof. Carlos Henrique Liberali, a Escola Estadual Deputado Raul Pilla e o IFSP do campus de São Miguel. Se vocês perceberem, a gente já tem algumas escolas públicas aqui no meio desse projeto, o que é muito legal, porque, acredito eu, que são as escolas mais carentes desse tipo de projeto do que as particulares que a gente trabalhou até então. Como o projeto ele tinha como requisito mínimo um kit de análise para a escola conseguir fazer a análise dos córregos, a gente colocou como quesito mínimo para as escolas particulares doarem um kit para a escola pública. Todas as instituições particulares que estão participando aqui elas compraram um kit para ela fazer a análise e doaram um kit novo para uma escola pública também poder participar do projeto. Esse foi um meio que a gente arranjou de conseguir colocar as escolas públicas dentro do projeto. Aqui tem os córregos e os rios adotados por cada uma delas. Vocês com certeza devem conhecer alguns deles. Aqui tem um mapa só ilustrando. Inicialmente o projeto ele tinha trinta e um córregos passíveis de adoção para o projeto. A gente estendeu o convite para todos os CADES da região Macro Leste de São Paulo e a gente teve só resposta daquelas cinco Subprefeituras. Alguns CADES ainda estavam inativados, estavam em processo de eleição, então esse projeto está sendo iniciado com cinco Subprefeituras. A gente já teve no dia 23 de fevereiro o processo de capacitação,

que é uma das etapas do projeto. Eu, junto com a Marilena, que também é Conselheira do CADES Aricanduva-Formosa-Carrão, nós capacitamos os professores e alguns alunos que estão participando do projeto com relação a como fazer análise de água, como coletar, como preencher a ficha de dados, para onde enviar, possíveis problemas, como trabalhar com os alunos algumas questões e etc. Essa capacitação ocorreu lá no SESC Itaquera, que também é um parceiro do projeto e aqui eu trouxe algumas fotos da primeira coleta de algumas das escolas que já estão participando do projeto. Aqui foi a coleta de março da Escola Santa Marina no Córrego Rapadura. É uma nova turma de alunos, com alunos mais novos etc. O Instituto Federal campus de São Miguel, a Escola Estadual Deputado Raul Pilla analisando o Córrego da Jacu-Pêssego e ali está a professora Cássia mostrando como se faz análise e tudo mais. Escola Estadual Professora Emília de Paiva analisando o Rio Verde. Atualmente o projeto está em andamento nessa primeira coleta, na primeira das doze coletas. Aqui é só um exemplo da ficha de análise que eles preenchem, que é publicada no *site* da Subprefeitura respectiva. Todo o projeto, desde o início, a gente sempre disse que ele tinha que ter o apoio do CADES. Na época que eu fiz o projeto dos Córregos do Aricanduva, eu era um só para quatro escolas na região onde eu morava. Agora não tem como fazer sozinho. A gente pediu a parceira dos CADES e os CADES que estão encabeçados de liderar essas atividades em cada uma das suas Subprefeituras com as suas escolas. Essas fichas elas vão para o Conselheiro do CADES, além do Fórum Agenda 21, para a gente ter um controle. Além dessas ações de monitoramento, de trabalhar com a população do entorno, esse projeto tem algumas etapas novas que a gente não tinha desenvolvido no anterior, como, por exemplo, a visita a uma nascente. Além de a gente mostrar a situação atual do córrego, a gente quer mostrar para os alunos de onde que essa água vem, como se origina, como que é o ambiente de uma nascente e o que poderia ser feito na porção do córrego para a gente tentar retratar aquele ambiente. Daqui a um mês, mais ou menos, um mês e meio é quando vão ocorrer essas visitas. Seria uma nascente por Subprefeitura. A gente juntaria as escolas também para ter essa comunicação entre as escolas. É aquela ideia de não vamos trabalhar dentro da nossa caixinha, uma escola não é concorrente da outra. A gente vai trabalhar em parceria, nós vamos viajar juntos, analisar juntos e discutir juntos. A segunda ação que, na verdade, depois conversar muito com Fórum da Agenda 21 e com os CADES Regionais, ela pode ser fundida com a terceira ação, que seria uma ação de mutirão de limpeza seguido pelo plantio de mudas em uma área próxima aos córregos, para tentar ilustrar para os alunos "olha, a gente viu que a nascente é preservada, então a gente vai tentar melhorar aqui a região dos nossos córregos, próximas aos córregos". Além disso, uma etapa nova também do projeto é um plano de ações. Ao longo desses doze meses, as escolas elas vão ter a liberdade, junto com os Conselheiros de Meio Ambiente e com

participantes do Fórum da Agenda 21, de construir um plano de ações, plano de metas também, para tentar melhorar a região onde a escola está inserida, onde os alunos moram. O que poderia ser feito para melhorar a qualidade da água daquele córrego, para melhorar a coleta seletiva, para melhorar a coleta de resíduos da nossa região? A escola, junto com os alunos, vão acabar tendo essas ideias aflorando e construir esse plano de ação para que a gente consiga chegar em parceria com Secretaria do Verde, com Prefeitura, com iniciativa privada para a gente tentar melhorar ali a região onde nós moramos. Aqui tem o cronograma só para mostrar para vocês, que essa etapa de mutirão, de plantio, ela é passível de modificação dentro do cronograma. A gente já passou a etapa de capacitação. Os alunos eles já começaram a fazer a coleta dos córregos agora aqui em março. Comentei sobre o programa de ações, o *workshop*, que irá se repetir no final do projeto. Seriam *workshops* regionais - Leste 1, Leste 2 e Sudeste -, porque eu acho que não tem um lugar que comporte tantas pessoas no mesmo lugar. Antes de agradecer, eu ia comentar isso. Todo o projeto Córregos do Aricanduva, que foi desenvolvido lá no CADES, teve qual custo para a Prefeitura, aproximadamente? Nenhum. A gente conseguiu tudo com parceiros. Não, vai, a Subprefeitura gastou no *coffee* do evento do *workshop*, mas ao longo de um ano foi isso. A gente não teve um gasto público exorbitante nesse projeto. Contudo, atualmente, como nós temos essas visitas e nós temos também a questão das escolas públicas, a gente também está em busca de recursos para colaborar, por exemplo, com o aluguel de ônibus para levar os estudantes e etc., porque as escolas já disseram que elas não têm essa condição. Mais um motivo também de a gente estar apresentando aqui hoje para vocês é se alguém quiser ou tiver uma ideia de quem poderia ser parceiro, quem gostaria de participar também do projeto, para a gente conseguir efetivamente realizar essas ações e todo mundo ficar feliz de uma forma geral. Eu acho que é isso, se alguém tiver dúvidas, sugestões etc. (*palmas*)

Devair Paulo de Andrade (Coordenador Geral) - Com a palavra, Seu Ângelo, depois o Júlio.

Fellipe Moutinho - Rapidinho, só vou falar uma coisa antes que surjam na cabeça dos Senhores. Esse projeto ele não tem nada a ver com minha pesquisa científica, com meu mestrado, com meu doutorado, com a minha graduação. Eu sou biólogo de formação, eu trabalho, obviamente, com qualidade da água, com reservatórios, mas é porque toda vez que a gente vai apresentar, as pessoas pensam "nossa, tudo isso que ele está fazendo é porque ele vai publicar ou é porque é do mestrado dele". Gente, não é. Isso daqui é trabalho para o CADES Aricanduva, do CADES Aricanduva. Podem procurar meu LATTES, o que for. Não tem nada em relação. Tem relação, obviamente, a desenvolvimento de projeto de educação ambiental, mas não é minha área de pesquisa. Já tirem isso assim "ah, ele está mostrando o doutorado dele". Não, não é isso.

Luiz Ricardo Viegas (Secretário Adjunto) - Mas eu não vejo nenhum problema nisso.. Pelo contrário.

Cons. Ângelo Iervolino - Ângelo, Fórum Leste.

Luiz Ricardo Viegas (Secretário Adjunto) - Pelo contrário. Eu preciso me manifestar. Vocês estão de parabéns. Se a gente tivesse - o início da reunião, quando nós falamos do CADES, a gente espera que os CADES façam esse movimento e a gente sabe que os CADES têm feito movimentos em várias ações do Município. Parabéns e não há problema nenhum das coisas.... Elas precisam ser transparentes, elas precisam ser demonstradas. A gente precisa dar força para que isso se multiplique. Só isso.

Cons. Ângelo Iervolino - Ângelo, Fórum Leste. Primeiro parabenizar você e a Cíntia por esse trabalho. Sinceramente, eu pensava, quando se fala de bacia Aricanduva, bacia Leste, o trabalho fosse um pouco mais amplo. Eu, como cheguei em 1961 no Aricanduva, a gente nadava, pescava no Rio Aricanduva. Então, esse trabalho que a Secretaria do Verde está fazendo junto do pessoal da Leste, do Parque Linear da nascente Aricanduva é uma coisa muito importante, porque não adianta a gente cuidar do meio se a nascente, então, a nascente ainda, até certo ponto, ainda dá para cuidar, então vamos cuidar dela. Depois a gente começa... Inclusive eu tinha um montão de perguntas para fazer a respeito qual a parceria de vocês junto com Defesa das Águas, tudo isso, o Rio Cipoaba, mas... É muito importante e eu gostaria de saber a questão da análise como foram. Alguma água lá é potável? Nós, quando estive na Subprefeitura de São Mateus, juntamente com o Conselho CADES de São Mateus, nós fizemos um trabalho com as nascentes. Mapeamos as nascentes, colhemos as amostras, as SUVs de São Mateus encaminhou. A nascente que a gente pensa que é água potável, nenhuma das trinta e poucas análises que a gente fez deu que a água era potável. Sempre tinha contaminação por isso, por aquilo, mas, da mesma forma, eu acho que se todo mundo no seu pedaço começasse a fazer alguma coisa, quem sabe mais para frente nós vamos ter o Rio Aricanduva recuperado. Obrigado.

Devair Paulo de Andrade (Coordenador Geral) - Por favor, Júlio. Conselheiro da Universidades.

Cons. Júlio - Prazer, Júlio, sou da Universidade Federal de São Paulo. É a primeira vez que eu falo aqui, apesar de não ser a primeira vez que eu sento. Primeiro, eu gostaria de parabenizar o trabalho de vocês. A gente sabe que a educação ambiental não é nem um pouco fácil, especialmente quando envolve interesses que não são das instituições, como nas escolas, principalmente as particulares da região. Embora eu não tenha muito contato, a UNIFESP tem um polo de extensão na Zona Leste. Eu nem conversei com o Coordenador, mas eu gostaria

já de oferecer a UNIFESP, o polo Zona Leste para servir também de base do projeto de vocês. Depois a gente pode entrar em contato, trocar as figurinhas. Eu digo que a gente não tem muito contato, porque o campus Zona Leste da UNIFESP é um campus em implantação, que teve um problema lá de passivo ambiental que está sendo resolvido ainda diretamente com o Governo Federal. Por enquanto, é um polo de extensão apenas com um prédio que tem algumas atividades de extensão com a comunidade na região. Ainda não tem atividades próprias de ensino da UNIFESP lá. Vai ter obras ainda, enfim, mas eu coloco a UNIFESP à disposição e a UNIFESP de Diadema possui - onde você onde você se formou - também seria interessante usar. Embora Diadema não esteja na Zona Leste da cidade de São Paulo, usar a massa dos alunos ali como também força para o CADES Aricanduva nessa jornada de vocês aí. Obrigado.

Cons. Sônia Hamburger - Sônia, do Centro-Oeste 1. Eu achei incrível esse projeto, achei incrível a gente não saber dele até agora também. Eu realmente fiquei curiosa para entender as parcerias que foram articuladas para que ele tivesse sucesso, porque a gente sabe que é um esforço pessoal de cada pessoa que participa e a nossa experiência em mutirões lá na Zona Oeste é que a gente normalmente consegue parceria dos comerciantes mais próximos. Então, na padaria da esquina a gente consegue um lanche, do restaurante da Dona Flor a gente consegue uma base para colocar coisas, enfim. Eu gostaria de saber de como foi essa articulação com a comunidade local e qual é a participação do Fórum Agenda 21. Obrigada.

Fellipe Moutinho - Respondendo a primeira questão, eu acho que a pergunta tem uma resposta um pouco óbvia, porque nenhuma das águas elas deram potabilidade e nem deveriam dar, na verdade. A gente trabalha com o limite estabelecido pela Resolução nº 357 do CONAMA para rios de classe 2. Mesmo assim, os dados que a gente obteve eles não atingiram o limite aceitável pela Resolução. Já não está nem na potabilidade como também não está atendendo a classe 2 do CONAMA. A segunda pergunta, na verdade foi uma proposta. É muito bem-vinda. A gente tinha entrado em contato com a USP Leste também para agregar o projeto, só que o que a gente sente muito durante toda essa construção, de encontrar parcerias, de desenvolvimento de projeto, a gente leva a proposta, a gente tenta agendar um horário para sentar e conversar e aí as propostas elas acabam morrendo. As pessoas acabam falando "ah, vamos participar", mas aí depois as pessoas acabam sumindo. Lá na UNIFESP Diadema eu tentei parceria, eu estava lá no mestrado na época ainda, só que é muito complicado você pedir para os alunos se deslocarem. Eles têm aula integral das 8 horas às 18, de segunda a sexta, e aí eles têm que sair de Diadema, no extremo da Zona Sul para ir para a Zona Leste para desenvolver o projeto que é durante a semana. Era realmente

muito complicado, por isso que a gente pensou nas universidades mais próximas, tanto que agora a gente tem o IFSP de São Miguel participando. Com relação às parcerias, foi um pouco difícil porque foi no boca a boca: "olá, prazer, meu nome é Fellipe, eu sou Conselheiro de Meio Ambiente do CADES Aricanduva, eu tenho um projeto assim, assim assado. Você gostaria de contribuir? Ah, gostaria". A pessoa entrava com a parceria. Praticamente todas as parcerias para o *workshop*, inclusive para conversar com as escolas para elas entrarem no projeto foi dessa forma. Eu entrei em contato na época com dezessete escolas para conseguir cinco e a gente conseguiu quatro. Teve escola que falou "não, vem aqui, a gente senta, conversa, mas eu não tenho a verba para fazer o projeto", então não tem como participar. Tiveram escolas que a gente liga e elas respondem "ah, não tenho interesse" e desliga o telefone. É bem difícil essa parceria. O que a gente viu foram os alunos batendo de porta em porta também nos moradores locais e aí, sim, teve um envolvimento mais próximo entre eles com a escola. Muitos, como as escolas elas são escolas grandes da região, os moradores eles já se sentiam um pouco mais confortáveis porque já conheciam a escola, então era mais fácil eles darem uma resposta aos alunos e atenderem eles. Acho que é mais ou menos isso. O Fórum da Agenda 21... Pode falar.

Cíntia Okamura - A gente tem quanto tempo que eu estou vendo aqui? Acabou, né? Em relação à parceria, o Fórum Agenda 21 Macro Leste ele existe para isso: para agregar os parceiros e facilitar essa conversa. Por isso que a proposta de trazer também o projeto para a Zona Leste como um todo, porque sem parceria a gente não consegue fazer nada. A gente tem essa tradição no dia a dia desde 2005 de... tudo é feito por parceria. A fulana que pode ajudar com isso, o sicrano que pode... Todo esse projeto do Fórum Agenda 21 Macro Leste foi construído à base de parceria. A gente não foi lá, teve um grande financiamento para fazer. Não, tudo à base de parceria. Do Fórum Agenda 21? A sociedade civil, o poder público e por vezes - o mais difícil trazer é a iniciativa privada, mas o Fellipe já teve no SESC Itaquera.

Devair Paulo de Andrade (Coordenador Geral) - Por motivo de transcrição, para sempre usar o microfone para a gente poder transcrever. Obrigado.

Cíntia Okamura - Quer falar?

Luiz Ricardo Viegas (Secretário Adjunto) - Já falou bastante, já vendeu bem o peixe.

Cíntia Okamura - Para as parcerias, a gente vai construindo de momento a momento e em relação ao poder público, aí vai depender... Toda vez que muda a gestão, a gente tem que ir lá, conversar, apresentar, trazer, enfim, é um trabalho. Depende também muito do entendimento, da prioridade da Secretaria, da Subprefeitura, enfim, mas é assim: é uma

construção dia a dia. Em relação ao que o Ângelo estava colocando, é lógico que parece pouco, mas não é. Por quê? Por que eu falo isso? Porque a gente é carente. Falar é fácil, ter um plano bonito é fácil, mas trazer as pessoas e envolver, aí é que está a questão. Esse projeto, por que eu considero ele importante? Porque você vai envolver os alunos e tem uma mudança muito grande, como o Fellipe estava colocando, essa vivência de ir lá... Fazer a coleta de água é um método. A gente sabe o resultado que vai dar a coleta, lógico, mas é um método porque o próprio aluno, ele vai vivenciar. E aí a gente incrementou com essa questão do mutirão e do plantio, porque a ideia é a escola adota o córrego e agora o que a gente vai fazer? A gente vai envolver a comunidade, os moradores do entorno. Essa ideia que é do mutirão e do plantio para que também a comunidade local, os vizinhos, eles também participem para essa transformação da realidade. E outra questão da escola construir o plano de ação é para que ela também desenvolva as suas parcerias, desenvolva o seu projeto para transformação daquela realidade local. Isso está bem dentro do princípio da Agenda 21 local, que é envolver os atores locais, trabalhar a problemática local e realizar a transformação. Acho que é isso.

Devair Paulo de Andrade (Coordenador Geral) - Com a palavra, o Senhor Ivo e depois a Sônia Hamburger e depois a Andréa.

Cons. Ivo - Ivo, Savoy City. Eu quero destacar a Agenda 21, a importância que se revela nela, que há dez anos atrás nós tínhamos, a cada reunião, um representante de cada Subprefeitura da Leste - todas, sem exceção, mandavam representante. Isso é da Subprefeitura. Um diálogo aberto para ações, para desenvolvimento de um território que está lá no cantão, mas tem mobilização. Infelizmente hoje, a cada mudança de gestão, é feito uma conversa com cada Subprefeito, ele assina uma carta na questão ambiental, qual é a visão dele na questão ambiental, porque a gente tenta alinhá-lo conosco. Só que hoje nós dependemos bastante do Secretário para trazer de volta esse povo, para puxar de volta esse povo, porque a construção é sempre permanente. A discussão é permanente e se aprende na fala, nas propostas e dentro das propostas nós podemos construir junto. Essa sempre foi a missão da Agenda 21. É de extremo interesse isso, que parta da Secretaria o convite através do Subsecretário de Prefeitura para que participem, porque todos que entraram no início da gestão assinaram uma carta. Nós fizemos um evento na USP Leste na época da transição, convidando todos os candidatos para estarem conosco lá. Tem uma força a Agenda. O Fórum tem uma força. Teve bastante candidato lá. São ações que a cidade não sabe e é necessário que a gente repercuta, que a gente traga e dissemine esse conhecer. Obrigado.

Cons. Andréa Franklin - Parabéns pela tua exposição, pelo trabalho de vocês. É primoroso ver, dá vontade de copiar em todos os outros locais. Você falou a questão de falta de recursos para o projeto, citou até a questão do ônibus. Eu fico pensando se isso não seria um projeto passível de inscrição nos projetos do FEMA. Claro que agora já foi, mas um projeto desse nível pode ser inscrito no FEMA, desde que ele enxergue começo, meio e fim, tenha uma previsão de recursos, porque se você inscreve o projeto, imagino que não esse, que já vai ter final o ano que vem, mas para uma segunda rodada do mesmo projeto e já prever o recurso, você deve saber o quanto custaria mais ou menos levar dez... Só uma dica. Eu acho que cabe, Secretário; não sei se cabe ou não. Só para colocar, porque de repente você não conhece essa possibilidade e tem tudo a ver com a questão, porque o Fundo existe, que é para o meio ambiente.

Cons. Sônia Hamburger - Eu ia perguntar só se houve um contato com a DRE local.

Fellipe Moutinho - Sim, a gente tem representantes no Fórum da Agenda 21 da DRE da Leste 1, se não me engano, né Cíntia, que é a Denise? Nunca sei quem é Leste 1, Leste 2 e Leste..., mas a gente tem os representantes, porque para entrar em contato com as escolas a gente teve que passar pela DRE antes; então, eles estão cientes.

Cons. Cris Palmieri - Cris Palmieri. Primeiramente, parabenizar pelo trabalho. Toda essa trajetória. A Cíntia a gente conhece o trabalho da Agenda 21, das redes da Agenda 21 há longa data. Que as agendas ao longo do Brasil continuam, independente do que aconteceu na Rio + 20, quando a CPDS, que é Comissão de Política de Desenvolvimento Sustentável e Rede Brasileira das Agendas 21 foram encerradas no Ministério do Meio Ambiente. Todos os processos foram mapeados por essas pessoas que participaram da sociedade civil e algumas continuam, só que o Fórum... Por exemplo, o Fórum da Agenda 21 da Macro Sul não conseguiu se estabelecer num conjunto, mas continua, como o da Vila Mariana, que é a Agenda 2030, e outros também continuam e que agora num processo da Agenda 2030, está sendo resgatado por várias outras iniciativas (*ininteligível*). Vai ter um Fórum em Santa Catarina agora, o Fórum ODS Brasil, onde muitos que participam em Santa Catarina ao longo do Brasil - vão pessoas até do Amazonas. É uma iniciativa do Movimento Nacional ODS para resgatar e continuar - que aí nós temos até 2030 - todo esse trabalho. E São Paulo já está sendo costurado o segundo Fórum. Agora em abril, final de junho, vai ser o de Santa Catarina e, em setembro, por causa do aniversário da Agenda 2030 também a intenção de resgatar todo esse processo e que vai ser em São Paulo em relação aos movimentos e outros parceiros. Em relação a isso, as parcerias, as alianças estão sendo estabelecidas de convidar para a gente poder se reunir e fazer um trabalho também nas outras regiões da cidade de

São Paulo, como também esse projeto piloto disseminar pelo Brasil afora, que é a intenção... sempre foi da Agenda 21. Aqueles quarenta capítulos mostra muito bem cada um deles nos quatro setores como se trabalhava. É um documento que a gente não pode perder, tanto é que ele persiste. Eu fico muito feliz - mais uma vez parabenizando - e que vocês pudessem *brifar*, fazer um resumo de tudo isso para a gente poder disseminar e publicar. Das Agendas 21 e a Agenda 2030, de formar uma parceria para continuar para a gente poder, porque isso tudo é a sociedade civil querendo qualidade de vida e bem-estar para todos. O objetivo maior é esse. E através da educação ambiental que a gente precisa fortalecer. Então, planejamento e educação sempre andando juntos.

Fellipe Moutinho - Acho que não tiveram questões, mas gostaria de agradecer a palavra. Concordo totalmente, porque uma coisa que a gente sente, principalmente lá no CADES Aricanduva. Muitas vezes é a sociedade civil querendo participar. Por exemplo, atualmente no nosso Conselho nós temos sete ou oito Conselheiros titulares que estão ativos no CADES Aricanduva-Formosa-Carrão, só que já tem uns três anos, aproximadamente, que a gente tem um descaso da Subprefeitura com o CADES, como, por exemplo, não ter representante da Subprefeitura. O Presidente do CADES não participar das reuniões e também não indicar alguém para participar. Isso acaba sempre inviabilizando o Conselho. A gente pede "olha, Senhor Subprefeito, Senhora Subprefeita, é de extrema importância que a Senhora participe da reunião. A Senhora é a Presidente, a gente precisa fazer Ata, a gente precisa publicar a Ata" e eles não participam. Dentro da Subprefeitura, a gente tem um sério problema também de não reconhecimento dos Conselheiros. Por exemplo, a gente chega para a reunião e aí os seguranças perguntam "quem são vocês"? Nós somos Conselheiros do CADES. A gente vem aqui já tem seis anos uma vez por mês e "ah, tá, ninguém avisou que vai ter reunião, vou ver se vocês podem entrar". Aí gente entra na Subprefeitura, porque as reuniões são à noite, são às 7 horas da noite. Isso é um problema muito sério, que eu tenho certeza que não é só no Aricanduva-Formosa-Carrão. São em outros CADES também do não reconhecimento por parte dos gestores ali locais. Eu também faço um apelo ao Secretário de tentar conversar com os Subprefeitos e com os responsáveis das Subprefeituras porque fica muito difícil. Tudo isso aqui que a gente faz é de coração e tirando pedra do caminho e tentando fazer, porque senão fica muito difícil.

Cons.Sônia Hamburger - Eu só queria perguntar se a gente, como CADES central, poderia pedir mais atenção dos Subprefeitos com relação aos CADINHOS. Eu acho que eu acho que seria importante ter uma ação da Secretaria do Verde, porque eu fui Conselheira do CADES também, eu sei as dificuldades que a atual gestão está passando, inclusive a dificuldade de

comunicações que vêm do CADES para o CADÃO não chegar aqui no CADÃO, porque tem que passar pelo Subprefeito.

Cons. Cristina Palmieri - Relembrando que em reunião passadas foi solicitado o convite aos CADINHOS, que a gente encaminhasse e eles fizessem um revezamento ou por região ou todos. Quantos são? Trinta e dois? Vinte e oito?

Luiz Ricardo Viegas (Secretário Adjunto) - Normalmente o seguinte: quem não está na Mesa, tem algum representante. Vamos imaginar do CADES, enfim. O Senhor pede espaço na palavra do Conselheiro para fazer uso... É isso.

Cons. Ivo - Isso daqui é o nosso representante de Guaianazes, foi do CADES local muito, muito tempo, participou da Agenda 21 conosco, é um parceiro e passo a palavra a ele.

Cons. Valdir - Eu sou Valdir dos Santos, sou Conselheiro do CADES Guaianazes e fundador do CADES. A gente participa... Parabenizar o Fórum da Agenda Macro Leste, a Cíntia, o pessoal, que a gente tem uma história. O Iervolino aqui, o Ângelo e todos os outros que eu conheço aqui. A Rute... Nós já estamos lutando há muito tempo, só que não tem um reconhecimento. Eu me sinto discriminado. A gente se sente prejudicado por justamente o CADES agora, que eu vim aqui a primeira vez, não há interesse nosso de vir aqui, porque a gente vê que parece que esses representantes representa a luta muito, mas, no fim, não consegue chegar na periferia e resolver nossos problemas lá, que estamos tomando porrada para todo lado. Enquanto isso, a gente resiste ainda com essa história, porque nós amamos o CADES, nós amamos o que fizemos e somos ambientalistas e queremos um mundo melhor. Como eu estou chegando aqui agora e convidando a todos para participar do aniversário de Guaianases - cento e cinquenta e oito anos - qual o desafio do CADES agora e não temos Subprefeito. Foi exonerado o Subprefeito que tinha lá e que não representa nada, não nos apoia. Eu quero aproveitar aqui e chamar uma discussão, porque nós temos lá uma proposta de trabalhar a questão do lixo, até convidar lá a discussão do aniversário, e não temos um *banner*, não temos um *banner* dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, que é dezessete Objetivos - o qual eu vim na sua apresentação. Você colocou alguma coisa lá sobre a questão dos Objetivos, mas não especificou e eu não vejo nas apresentações aqui o logo dos dezessete Objetivos, que é uma lei que tem que ser cumprida pela Prefeitura diante a Portaria 90. Eu queria ver que todos os CADES, os trinta e dois CADES, tivessem pelo menos os *banner* ligados dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável diante suas apresentação, que é uma discussão maior. E aí o desafio maior - até vou conversar depois -, porque eu não entendi a composição de como participar aqui e eu me senti discriminado. Não entendia

direito, agora estou entendendo e obrigado pela fala aqui do companheiro, que deixou eu falar. Obrigado.

Cons. Sônia Hamburger - Eu posso aproveitar a fala para recolocar aqui que a gente possa hoje votar uma recomendação do CADÃO para as Subprefeituras, que a comunicação e que a importância dos CADINHOS sejam reconhecidos pelos Subprefeitos.

Luiz Ricardo Viegas (Secretário Adjunto) - Eu vou primeiro me posicionar à sua colocação. Essa recomendação, eu diria, pode reforçar, mas eu acho que o que é importante de fato... porque a gente fala muito e faz pouco. Quando a gente vê essa ação, a gente precisa pegar isso e injetar recurso, injetar força. É impossível a gente olhar e ouvir que a Prefeitura não dá apoio para vocês. Significa alguma coisa que precisa ser ajustada. Eu queria lembrar que a Prefeitura de São Paulo, para esses dois anos, colocou metas muito claras e com desafios grandes. Tem uma meta lá que é dar sustentabilidade à cidade, que a Secretaria do Verde e do Meio Ambiente é responsável por isso. Tem várias ações que são parceiras entre Subprefeitura e o Verde. Tem várias ações que estão colocadas. A questão é os desafios é como é que a gente acha para multiplicar isso. Eu acho que esse exemplo que você apresentou aqui vai muito ao encontro do que nós estamos querendo na cidade. Eu vou começar primeiro com algumas informações, que às vezes não chegam. Ontem, foi apresentado o Plano Municipal de Saneamento. No Comitê, Prefeitura e SABESP, que os Senhores sabem que existe um contrato da Prefeitura de São Paulo com a SABESP para concessão e foi ontem apresentado o Plano Municipal de Saneamento, com todas as tarefas que precisam ser colocadas no conceito de bacia. Está tudo muito bem apresentado. Ontem mesmo, foi praticamente um encerramento da gestão em que a Prefeitura é a Presidente do Comitê. Agora no próximo biênio vai ser o Estado o Presidente, mas ontem no balanço foi apresentado inclusive a questão do Plano Municipal de Saneamento, com alguns pontos em destaque. Córrego Limpo, retomada do Córrego Limpo, com recursos já direcionados, com as ações onde tem que ser feito. Está tudo direcionado já e já sabe onde vai fazer. Quando a gente ouve esse movimento, aí você pergunta assim "pô, isso aí não está encaixado com o Córrego Limpo"? Eu não vi a SABESP, eu não vi a Prefeitura. Você está pedindo água para o sujeito lá que vem da França. A SABESP tem recurso para isso, ela é obrigada a fazer isso. O poder público, os dois entes - Estado e Município -, têm compromissos e recursos para executar isso. O desafio agora é a gente conectar toda essa rede, é colocar vocês na rede da cidade, é colocar vocês na rede do que está sendo feito na cidade, até para que a gente tenha resultados melhores potenciais. Esse esforço que vocês estão fazendo é fantástico, mas a gente pode muito bem, com o poder público, potencializar muito mais esse movimento. Quando você fala as escolas têm dificuldade, não sei o que e

tal. O desafio é quando a gente fala da Portaria da Secretaria da Educação, com o Verde, colocar os professores, o Secretário da Educação, é para destravar isso, é para dar uma orientação "olha, todas as escolas aqui da Zona Leste vão ajudar a fazer isso, isso, isso. Existe uma vontade política e orientação com relação à cidade de São Paulo com esses desafios. São Paulo não está mais nem na Agenda 21 nem na 30, ela já está pensando na 50. Ontem o Prefeito lançou o plano de ação 2020, que são os compromissos, o que a cidade vai planejar para 2050 para atender o Acordo de Paris, emissão zero. Os desafios estão colocados, os recursos estão colocados. Agora, como é que a gente se junta para ter resultado. Esse seu esforço, o esforço de cada um, o esforço do Fórum, por exemplo. O Fórum 21, que, aliás, a Cíntia, não sei se você lembra, mas trabalhamos juntos lá na Secretaria e eu, inclusive, convido o Fórum para utilizar o espaço público que nós temos no polo lá no Planetário do Carmo. Não precisa ir lá no Itaquera não, no SESC. Vamos usar a coisa pública, está lá ocioso, tem espaço, vamos fazer parceria, vamos tocar. Faz o Fórum assinar uma parceria com a Prefeitura de São Paulo para a gente dar apoio para vocês. É isso, é multiplicar isso, é ter portas abertas com todas as Secretarias, com os programas que a cidade tem. Nós temos o programa Recicla Sampa. O nosso grande desafio é enfrentar os pontos viciados. Você apontou aí um pequeno exemplo de enfrentamento do ponto viciado, que, nosso entender, é a melhor forma. Não adianta ficar multando, tirando gente, se a gente não pegar aquele ponto, recuperar ele e mostrar que ele pode ter efeitos positivos. São desafios que estão colocados na vontade da Prefeitura, de todos os agentes públicos, só que às vezes a gente fala assim "como é que funciona isso"? Os Subprefeitos estão sendo cobrados. Cada Subprefeito tem as suas tarefas, os seus projetos. Existe uma gestão pensando, planejada e para fazer ações que estão colocadas, com resultados. Quanto se vai gastar... Nós vamos colocar quinze bilhões de investimentos na cidade nos próximos dois anos, para todas aquelas ações que foram apresentadas na semana passada. Todo o esforço nesse sentido e todo movimento - e a sociedade civil precisa estar do nosso lado. Nós precisamos desse esforço do CADES. Eu quando comecei a conversa aqui do CADES, eu falei assim "pelo amor de Deus, o CADES..." Tem Subprefeito que quer o CADES funcionando porque ele é uma força que ajuda ele. Nós tivemos aí um exemplo claro de como funciona o CADES. O CADES ajudou muito no movimento dos acidentes que aconteceram em Perus nesse final de ano. Tem Vila Mariana... Tem vários CADES que têm várias iniciativas e nós precisamos multiplicar isso e os Subprefeitos sabem da importância. O cara que fala "ah, eu não quero", fácil. É só bater o telefone aqui para o Coordenador do CADES, temos não sei o que, o Secretário fala com o Subprefeito, vamos resolver. Essas coisas funcionam mais ou menos... Aliás, você falou do reconhecimento. Às vezes, nem eu sou reconhecido pelo guarda do Gabinete do Prefeito. Isso é meio que normal, as pessoas não sabem. A gente tem esse desafio de criar

esse movimento e o Conselho, eu acho que a gente precisa aqui não só um movimento de burocratizar, de pressionar. A pressão é importante, mas nós precisamos fazer esse movimento. A Secretaria do Verde hoje tem uma orientação de aglutinar essa força para todos os projetos com relação à questão dos desafios da sustentabilidade com todas as Secretarias. Esse entendimento está ocorrendo na cidade e vocês... O CADÃO, os CADINHOS, os Conselhos são importantes para a gente. Eu queria aqui aproveitar e reforçar o interesse da Prefeitura de São Paulo, da Secretaria do Verde, em ser parceira do Fórum 21 e vocês têm portas abertas para formalizar essa parceria conosco, para apresentação dos projetos. Nós temos espaços a serem utilizados, nós temos dinâmica, fortalece o posicionamento da ação de vocês e fortalece o CADES. E eu estava conversando aqui com a nossa equipe e surgiu aqui uma coisa que nós vamos pensar, mas nós estamos pensando em fazer um Fórum dos CADES neste primeiro semestre, o mais rápido possível. Esse seu exemplo, Vila Mariana, tem vários CADES fazendo várias coisas e isso é importante que a gente reconheça e, às vezes, também dê um direcionamento. Por exemplo, nós temos um desafio que é resíduos sólidos. Esse desafio hoje... Nós temos dinheiro, tem mobilização, tem tudo, mas aí você fala "mas por que que não está acontecendo"? Porque existe aí alguns empecilhos. Ah, temos que lutar contra o crime, tem que organizar melhor, tal, os CADES precisam nos ajudar. Precisamos fazer um movimento, um movimento em favor dele. Nós temos o movimento do Recicla Sampa, que é um desafio extremamente interessante para a cidade, é um projeto muito bem estruturado, com condições, com recursos públicos. Nós gastamos em São Paulo dois bilhões em resíduos. Dois bilhões. Não é pouca coisa. E aí a estratégia é de que a gente utilize melhor os nossos recursos. Isso é meta. Córrego Limpo, tem recurso do contrato - SABESP, Prefeitura - para trabalhar nesse projeto, já colocado, disponibilizado. Os córregos estão estabelecidos, as prioridades estão estabelecidas. É importante que a rede conheça e nos ajude a fazer esse movimento. O componente educação ambiental, mobilização da sociedade, é fundamental para o sucesso desses projetos, porque às vezes você faz um investimento e as pessoas nem estão sabendo e nem participam desse processo. Eu queria aqui destacar a importância dessas iniciativas e, pontualmente, coloco aqui já o compromisso da Secretaria do Verde, que estamos falando em nome da Prefeitura de São Paulo, de que seja uma porta institucionalizada dessa ação do que vocês estão fazendo e mais especificamente para região da Zona Leste, que é nosso interesse, é um interesse em função das demandas que nós temos na região. Obrigado.

Devair Paulo de Andrade (Coordenador Geral) - O Senhor Ivo e logo após a Cíntia.

Cons. Ivo - Ivo, Savoy City. Dentro da sua fala, tivemos ontem reunião uma URSI, que é Unidade de Referência de Saúde do Idoso, com uma creche na Cidade A.E.Carvalho. A

gente está pensando em fazer um apitação lá, porque tem uma rua chamado Cavalcante, que é um ponto viciado tudo o que você imagina e, infelizmente, próximo à creche é o pior ponto e eu queria saber se poderia contar com a Secretária... Eu estive com a Sílvia, que é a Chefe de Gabinete da Prefeitura ontem ainda marcando uma agenda para que a gente vá fazer uma visita ali. A gente vai marcar uma data para mobilizar as pessoas e fazer um apitação, mas a gente vai precisar da Prefeitura com o quê? Um caminhão e pessoal da limpeza para, junto com o pessoal, fazer um movimento de limpeza e achar formato - fazer plantio, alguma coisa - para coibir essa ação que onera a cidade, que são os pontos viciados. É curioso que tem um local que tem três caçamba e ontem eu vi o camarada chegar com um carrinho e jogar no meio da rua o entulho, ao contrário de colocar numa caçamba. Essa educação que falta na cidade, em determinada região, é um horror e a gente sabe o efeito que isso causa na questão da saúde, a questão de escorpião, que quem está jogando ali está colocando um criadouro. Eu faço parte da Vigilância em Saúde. É um criadouro que está sendo colocado ali. É um tiro no pé, que a gente chama. Eu conto com o Senhor para que a gente possa alinhar as ações juntos, porque eu vou tentar convencer a Chefe de Gabinete para a gente determinar uma ação, mas a dificuldade que... Se o Senhor sensibilizar o Jamil, que eu sei que são amigos, vai ficar mais fácil para nós conduzir. Obrigado.

Luiz Ricardo Viegas (Secretário Adjunto) - Ponto viciado, nós tínhamos por volta de quatro mil pontos cadastrados na cidade. Hoje, nós estamos com dois mil e oitocentos pontos. Esses dois mil e oitocentos pontos está sendo a coisa mais dura para você abaixar, por quê? Você conseguiu aliviar alguma posição, que é mais fácil, e agora começa a enfrentar um ponto que não é uma característica apenas de educação ambiental. Aí tem uma questão do custo desse negócio. A caçamba que você aluga, que paga mais barato, e aí esse cara que aluga mais barato onde é que ele despeja? Em algum lugar. Estão despejando até na 23 de maio já, na frente da Secretaria. Para você ter uma ideia de como funciona. Nós soubemos até que existe movimento do crime com relação a isso. Com apoio de motocicletas, o cara vai "brifando" o caminhão e vai dizendo "olha, é por aqui". A Prefeitura - e através da Secretaria de Segurança Urbana... Aliás, a equipe tem conhecimento disso, a AMLURB - está montando uma estratégia inclusive com apoio da Segurança Pública do Estado qual é a melhor estratégia com relação a enfrentar isso. Você tem um viés ambiental, mas por trás disso nós temos alguns desafios que precisam também estar de uma forma ou de outra saneados. Esses movimentos, eu tenho certeza que isso é uma meta do Subprefeito. Aliás, cada Subprefeito tem que ter um polo de educação ambiental. Isso é tarefa já de cada Subprefeito ter o seu polo, um elemento eleito que precisa ser o indutor principalmente nessa

agenda de resíduos. A gente já conhece várias Subprefeituras que já têm esse ponto focal com relação à educação ambiental, mas alguns ainda a gente não sabe. Só para o Senhor ter conhecimento que já existe uma organização dada na Prefeitura, em cada Subprefeitura, com apoio da Secretaria do Verde nesse polo de educação ambiental, com apoio da AMLURB, com apoio de todos os prestadores de serviço. Existe uma estratégia já de enfrentamento a isso, só que em alguns casos o enfrentamento não passa só por isso, por uma mobilização. Inclusive na recuperação. O apoio da Secretaria "ah, bom precisamos de muda para fazer a recuperação". Está dada a orientação para isso, prioridade. O negócio é dar o *start* nesse... que aliás já está acontecendo.

Cons. Cris Palmieri - Cristina Palmieri. É até perigoso, a gente quando trafega nessas vias à noite, porque você encontra às vezes... você entra num acesso como ali... você sai da Imigrantes, vai para o viaduto ali na Bandeirantes, você encontra, você está numa certa velocidade - e é uma curva - e você se depara com esse material na pista, na calçada e na pista. Isso é muito perigoso. Se você tiver algum meio de você chegar e falar, informar "olha, está tendo um material". Não existe câmera de acesso e saída? Você consegue detectar qual é o veículo que passou por ali. Seria uma alternativa de também educar a gente a chegar, colaborar, as pessoas, com esse tipo de situação, porque é perigoso. Não é só em relação à questão de ter um depósito ali, mas dos acidentes que podem ocorrer.

Luiz Ricardo Viegas (Secretário Adjunto) - Haverá uma intensificação - eu ainda não tenho o número correto - mas de aumento dos Ecopontos na cidade. Para você ter uma ideia, tem alguns momentos que a gente não tem ainda terreno para fazer o Ecoponto, mas existe já, sim, uma orientação, uma determinação, com recursos para fazer isso.

Cíntia Okamura - Só queria agradecer mais uma vez pelo convite, dizer que, claro, que eu me lembro de você, Ricardo. Fiquei feliz de vê-lo, que bom que está aqui e mais feliz ainda porque a gente conseguiu... acho que nosso objetivo de apresentar o projeto, o Fórum, é reconectar essa parceria. Acho que hoje a gente pode dizer que reconectamos. Só vamos agora assinar um termo de parceria, mas fiquei muito feliz de estar aqui, de fazer essa apresentação para o CADES, para os vários Conselheiros. Acho que sem parceria a gente não faz nada. A gente conta com todos vocês.

Fellipe Moutinho - Queria agradecer também a atenção de todos e o convite para nós apresentarmos aqui hoje e só queria terminar com uma notícia um pouco atual com relação à SABESP e a empresa Phytorestore. A empresa entrou em contato com a SABESP, ela foi nessas reuniões que o Senhor comentou e parece que o Ipiranguinha ele está na lista do Córrego Limpo agora e a empresa ela vai pegar um trecho do Rio Pinheiros para fazer um

teste com relação a esse novo método de tratar a qualidade da água antes de cair no rio e a SABESP disse que como a gente já tem engajamento da população no entorno do Ipiranguinha, eles querem fazer, sim, com a empresa essa renaturalização, porque ela não seria só a canalização do córrego. A intenção que a gente tem é de manter ele renaturalizado. Não é colocar o gabião e acabar tampando o córrego, por exemplo. A gente quer manter ele renaturalizado, o qual o Ipiranguinha tem a nascente, que até tinha uma foto com a biquinha d'água, que a água sai dessa cor aqui, transparente, mais ou menos. Hoje a empresa está em contato com a SABESP e a única coisa que falta é falar assim "ah, tem como colocar o Córrego Ipiranguinha na frente da lista do Córrego Limpo"? Se colocar, a empresa entra com a SABESP e eles vão fazer o primeiro córrego com tratamento por macrófitas no Brasil. Subprefeito? Ele já sabe, ele disse que ele apoia cem por cento e é isso.

Luiz Ricardo Viegas (Secretário Adjunto) - Esse recurso da SABESP é um recurso de compromisso do contrato com a Prefeitura de São Paulo. Não é a SABESP que está fazendo. É uma obrigação que o contratante tem com relação ao Município. Por isso que nós temos um Plano Municipal do que tem que ser feito. Se é o A, o B ou o C, essa é uma dinâmica que haverá por parte da Subprefeitura, com a SIURB, com a SABESP. Essas conversas precisam ocorrer.

Fellipe Moutinho - Obrigado, era isso.

Devair Paulo de Andrade (Coordenador Geral) - Mais uma vez, gostaria de agradecer a Cíntia Okamura, do Fórum Agenda 21 Macro Leste, e o Fellipe Henrique Moutinho, do CADES Aricanduva, pela brilhante apresentação na manhã de hoje. Encerramos as manifestações, passamos para o terceiro ponto da ordem do dia: sugestões para a pauta da próxima reunião e assuntos gerais, que serão encaminhadas à Câmara Técnica de Pauta.

Cons. Ângelo Iervolino - Leste. Eu tinha solicitado para o Devair. É rapidinho, são cinco fotos o Estado, nessa Cooperativa. Essa Cooperativa, no dia em que eu fui com o responsável pela gestão ambiental da Prefeitura de São Mateus e estava nesse estado. Por que eu trago aqui para o CADES? Essa Cooperativa está dentro da Área de Proteção Ambiental Fazenda do Carmo, uma área inclusive Zona de Amortecimento do Parque Natural. Nós lá dentro temos duas Cooperativas e fora a AMLURB tirou mil. Mais de quinhentas caçambas, algumas delas ainda de boca para cima estão arriscados. Eu acho que como o CADES, a Secretaria do Verde é gestora do Parque Natural e parceira da APA do Carmo, trazer essa denúncia e aproveitar colocar tanto o Fórum há vinte anos trabalhando com a coleta seletiva e a SAL, que a gente tem vinte e cinco anos, mas a gente começou a trabalhar com a coleta seletiva

juntamente com o Fórum Leste, eu acho que a Agenda 21 também na questão da coleta seletiva com aquilo que nós vimos durante esses podemos colaborar com a questão desse trabalho que a Secretaria vai encabeçar. A Subprefeitura não tenho opção, não tenho área, não tenho pessoal, então fica difícil....tive muita dificuldade pelo meu trabalho voluntário que eu faço há mais de vinte e cinco anos. Eu ia falar do museu, mas você já me falou que vai voltar à força, porque aquele museu, apesar que aparentemente quase não tem nada, mas muita escola agenda visitaçãõ lá no museu lá do Parque do Carmo. Obrigado e até o mês que vem.

Devair Paulo de Andrade (Coordenador Geral) - Obrigado, seu Ângelo, foram anotadas as suas manifestações. Passo a palavra para o Presidente da Mesa para encerramento da reunião de hoje, Senhor Ricardo Viegas.

Luiz Ricardo Viegas (Secretário Adjunto) - Só fazer uma brincadeirinha. O Senhor estava doente e voltou com a força toda. Perfeito, eu estou fazendo um comentário muito positivo até. Muito obrigado pela sua presença e pelas suas observações. Eu queria declarar encerrada a sessão. Fica para a próxima reunião algumas coisas e a sugestão de vocês apresentarem uma proposta do Fórum, do CADES, até para a gente estimular ações como essa que foram apresentadas aqui, a gente fazer um Fórum lá na educação ambiental, apresentar, cada um eleger um projeto. É uma dinâmica interessante para estimular as boas iniciativas e tentar em algum momento dar uma reencaminhada. É isso. Obrigado.

LUIZ RICARDO VIEGAS DE CARVALHO

Secretário da Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente e Presidente do Conselho Municipal do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável- CADES

Conselheiros(as) presentes:

ALESSANDRO LUIZ OLIVEIRA AZZONI
ANDREA FRANKLIN SILVA VIEIRA
ÂNGELA MARIA BRANCO
ANGELO IERVOLINO
CLARA A. VIEIRA PRATA SILVA
CLAUDIA VACILIAN MENDES CAHALI
CLODOALDO GOMES DE ALENCAR JUNIOR
FATIMA CRISTINA FARIA PALMIERI
GEORGE DOI
IVO CARLOS VALENCIO
JABS CRÊS MAIA SANTOS

JOSÉ ROBERTO HASELMANN PAULO
JULIO CESAR BESSA MONQUEIRO
LUCIO FLEURY DE OLIVEIRA BICHARRA
MONICA MASUMI OSAKA
MEIRE FONSECA DE ABREU
RICARDO DA SILVA BERNABÉ
ROSA RAMOS
ROSÉLIA MIKIE IKEDA
SABRINA RIBEIRO CARVALHO
SONIA IMPERIO HAMBURGER
VIVIAN MARRANI DE AZEVEDO MARQUES

Conselheiros com justificativa de ausência:

DELSON SILVA LAPA / CINTIA MASUMOTO / MARC BUJNILI ZABLITH / CECILIA RODRIGUES DE BARROS / WALTER PIRES

Secretária Executiva: Rute Cremonini de Melo

Coordenador Geral: Devair Paulo de Andrade